PARA TODOS...

Zelia Torres Werneck — Achilles Level Moureaux

Syomara Paschoal de Sampaio Araujo — Sergio de Araujo Sampaio

Senhora Paulo José Ferreira no dia do seu casamento.

Clotilde de Souza Elejalde—Fernando Mello Vianna.

Enlaces

rêve d'or

Em pó, em extracto ou em loção, "RÊVE D'OR" embelleza a vida e torna as mulheres mais bellas e sempre seductoras.

L.T.PIVER
PARIS

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

Drama da MONTEIRO

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retranzidos, deitando fumaça pela bocca.

Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põe sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafezaes, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto do caminho. O major, dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, voltou o corpo para o mar de café, aberto ante nossos olhos, e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja !

Comprehendi-lhe o orgulho e senti-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força creadora, dessas que ennobrecem a especie humana.

— Quando adquiri esta gleba, era tudo mattaria virgem, de monta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café. Fiz tudo. Trabalhei como negro captivo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja !

Vi, o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras e ruas de absoluta regularidade. Nem uma falha. Era um exercito em pé de guerra. Bisonho ainda, só no anno vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros fructos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do exercito verde, por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha um olhar orgulhoso de pae deante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma cousa séria no mundo. Sua energia crea. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defesa da virgindade aggredida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas ha muita epopéa por ahi que não vale a destes heróes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidavel. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalisar-lhe as forças de accôrdo com um plano preestabelecido, dominar a replica eterna do matto damninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das pragas... Batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso, e, o credor, um onzeneiro que adiantou uns patacos carissimos, e ficou a seu salvo, na cidade, mãos encruzadas na barriga, de cocaras num titulo de hypotheca, espiando o momento de cahir sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major ! Isto é de enfunar o peito. E' deante de espectaculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, commodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, só elle, um quarto da producção: o governo. Sangram-na, depois, as estradas de ferro, mas destas não me queixo, que dão alguma coisa em troca. Não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vae, numa cadeia, até o torrador americano. Mas não importa ! O café dá para todos, até para a besta do productor...

Tocamos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafezal intermino. Sem um defeito de formação, as parallelas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem, ao longe, em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte, em que o homem, sobrepondo-se á natureza, impunha-lhe o rythmo da symetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha não está ganha ainda. Contrahi dividas, a fazenda está hypothecada a judeus francezes. Não venham as colheitas que espero e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe; mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores ! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas escravas á cola de um carro de triumpho ! Orphãs da matta nativa, como não hão de chorar o conchego de outr'ora ! Vêde-as. Não tem o desgarre, o frondoso de copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martyrisa, affeitas que estavam ao espaço exiguo e á penumbra somnolenta dum "habitat" millenario.

Fazendeiros desalmados ! Não deixae nunca arvores núas pelo cafezal. Cortae-as todas, que nada ha mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira ali, disse o major, deixei-a de pé para assignalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Pereirão, um bahiano valente que morreu ao pé della, estrepado numa jissara...

Tive a visão do livro aberto que seriam para elle aquellas paragens, e disse:

— Como tudo lhe ha de aqui falar á memoria !

— E' isso mesmo. Tudo me fala ás recordações. Cada toco de páo, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pittoresca sempre. Ali... — está vendo aquelle cêpo de jerivá ? Foi por uma tempestade de Fevereiro. Eu abrigára-me num rancho coberto de sapé. E lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio, em cima quasi das nossas cabeças.

— Fim de mundo, patrão ! lembro-me que disse, numa careta de pavor, o defunto Zé Coivara... Parecia !... Mas foi apenas o fim dum velho coqueiro do qual resta hoje — "sic transit"... esse pobre cêpo... Cessada a chuva encontramol-o feito em ripas.

Mais adeante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbarrondada em colleios até morrer no corrego. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça ella e a pinga são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no logar; outro cumpre pena na correcção. E a saia, muito contente da vida, mora com o "tercius"... A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás suggestões que pelo caminho iam surgindo, chegamos á casa de moradia onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei si por boa disposição creada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me para sempre na memoria. Não sou poeta, mas si Appolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei de fazer uma belleza de ode a esse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulo... Depois, emquanto o major attendia á correspondencia, sahi a espairecer pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por elle da hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher o fructo de tanto trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada daquellas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, por que ?

— Porque a ultima geada grande foi em 91. Dahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio ? Terra bem baixa, no entanto, se bate geada ali, é sempre coisinha, um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais "prepotente" do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos, e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Por que as pintam sempre de verde ? Interpellei-o. Mas o preto não se embaraçou. Respondeu sorrindo:

— Pois veneziana é verde como céo é azul. E' da natureza della...

Acceitei a theoria e entrei. Soára a hora do café.

A' mesa a conversa girou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta época. A geada é um eterno pesadello. Felizmente a geada não é mais o que era. Já nos permitte aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas apezar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atraz da orelha. Virá? Não virá ? Deus sabe !...

Seu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem ao céo limpido.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou scismatico uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

— Livra-te dos ares !... objectei.

— Christo não entendia de lavoura, rematou o major, sorrindo.

■

E a geada veiu. Não a geadinha mansa, de todos os annos, mas calamitosa, geada cyclica, trazida em ondas da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite cahira rapida, sem preambulos. Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apezar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que me viesse ferrar o somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada, e sentindo-me enregelado, com os pés a doer, ergui-me para um exercicio violento, unico remedio efficaz em casos desses. Sahi para o terreiro: o relento estava de cortar as carnes. Mas que maravilhoso espectaculo ! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores, immoveis,

Para todos...

Toda a correspondencia como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", 164, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402. Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feijó, 27, 8.° andar, salas 86 e 87.

g e a d a

L O B A T O

inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, tesas, como endurecidas em gomma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de ao pé de côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das taboas — tudo porvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro ! Invariavel que é a nossa paysagem, sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar, e vestir-se dum esplendoroso véo de noiva — noiva da morte, ai !..

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes, e faces de batedeira, andavam os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso. Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção, apressada demais, do fogoso Phebo, transformára em desastre horroroso a nevada daquelle anno, a maior de quantas deixaram marca nas embaúbeiras de São Paulo. A resurreição do verde fôra apparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, no Estado inteiro, a vestimenta do solo era um burel immenso onde a sepia exhibia a gamma inteira dos seus tons resecos. Pontilha-a apenas, cá e lá, o verde sujo dos eucalyptos, o invencivel verde negro das laranjeiras e o esmeraldino sem vergonha da vassourinha.

Quando regressei, sol já alto, estava a casa retranzida no pavor das catastrophes. Só então me lembrei que o espectaculo tão grandioso que eu até ali só encarára pelo prisma esthetico, tinha um reverso tragico: a ruina do he-

roico fazendeiro. Procurei-o, ansioso. Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me sua mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janella, e lá permanecera, immovel, observando o céo atravez dos vidros. Depois, sahira sem ao menos pedir café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada, a familia entrou-se de apprehensões. Meio dia. Uma hora — nada. O administrador, a mandado da mulher, sahira a procural-o. Horas depois voltou, mas sem noticias.

— Bati tudo, e nem rastro. Estou com medo dalguma coisa. Vou espalhar gente por ahi, á cata.

D. Anna, afflicta, de mãos enclavinhadas, só dizia uma coisa:

— Que será de nós, santo Deus! Quincas é capaz duma loucura...

Puz-me em campo tambem, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direcções — nada! Cahiu a tarde. Cahiu a noite, a noite mais lugubre da minha vida — noite de desgraça e afflicção. Não dormi. Impossivel fazel-o naquelle ambiente de dôr, sacudido de choro e soluços. Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo. Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo geado, novamente. Veiu o sol. Esvaiu-se a alvura e o verde torrado da vegetação sujou a paysagem com o seu desalento. Repetiu-se o correcorre do dia anterior — o mesmo vae-e-vem, os mesmos "quem sabe?", as mesmas pesquizas inuteis.

A' tarde, porém, — tres horas — um camarada appareceu esbaforido, gritando de longe, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoroca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta da casa grande. Adivinhara o dialogo de longe, e chorava, sorrindo.

— Bemdito sejas, meu Deus!

Minutos depois partiamos todos de rumo á bossoróca. De longe avistamos um vulto ás voltas com os cafeeiros requeimados. Approximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos, desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e um pincel. Não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço. Continuou... continuou a pintar, uma a uma, do lindo verde das venezianas, as folhas requeimadas do seu cafezal morto...

D. Anna, estarrecida, entreparou, immovel. Depois, rompeu em choro convulsivo:

— Louco... louco, meu Deus!

NÃO É O TRADICIONAL GRITO DE CARNAVAL NA RUA!
E' a primeira manifestação de regosijo publico pela sahida, nos primeiros dias de Dezembro do
ALMANACH DO "O TICO-TICO"
No Rio: 5$000 — Pelo correio: 5$500
Façam desde já os seus pedidos
Sociedade Anonyma O MALHO
RUA DO OUVIDOR, 164 — RIO

P A P U S A

CELSO CAYRES

Papusa é muito sentimental. Bastante mesmo. Isto é: era sentimental. Hoje não. Aconselharam-lhe para curar-se dessa enfermidade — utopia grave no seculo-gravissimo-das-inêses-d'orta-boçaes — o Foriaz Sampaio. Que lesse todos os livros delle e veria como se lhe desataviava o espirito de taes cousas, bon tas só para quem tem o gosto bom da vida. Papusa devorou-os todinhos. E começou a ficar mais forte pra tudo. Até para desillusões. Já não soluça quando qualquer homem malvado lhe dá pirraças. Nem tem vontade de escrever phrases apaixonadas que um critico seu amigo logo crê que são plagio. E — ó sabor das cousas que se querem e não se alcançam! — nem siquer acredita no amor que eu tenho nella. Esqueci-me de contar que Papusa é bem mais velha que eu. Tem vinte-e-oito. Se fôr verdade. E eu carrego vinte-e-dois. Por isso que ella não reconhece a possibilidade do meu amor. Perdeu o sentimentalismo da idade. Hontem, no ambiente opiáceo onde ella se move, na sua alcova, alcova de feiticeira que adormece os sentidos da gente, desfiou aos meus ouvidos série amarga de palavras tambem amargas. Melancolicamente. Suavemente.

— Os homens são uns bichos mui raros. Incomprehendidos e incomprehensiveis. Não os creio capazes de sentirem algo. Nem de bem. E nem de máo. O destino que me deu aquelle violinista—e apontou no retrato de cima da *psyché*—foi quem me poz esta philosophia na alma. Caprichos, paixões, desejos, baixezas e emulações, tudo tudo ella me inoculou, viperino, em o coração. Vocês, homens, não sei se sabendo-o ou não, cogitam sempre de ser entre todos, o mais intimo. E o tempo para mim tem passado com a rapidez dum olhar que pousa. Está porque me agrado um bocadinho de você. Supponho impossivel, todavia, após me haver despido dessas mentiras alegres da vida, que alimentemos amores. E mesmo que as outras podem dizer que você é meu gigolô.

Pediu um cigarro. Dei-lhe. Então sahi pra rua. Levava um vazio dentro de mim. E mais outra desillusão. E tambem uma raiva do violinista que transformou Papusa nesse geito. E mais raiva ainda do Forjaz. Pois por causa delles a modo que perdi as canções amorosas de horas de goso, de noites de cocaina, de sonhos de purpura e azul com que Papusa se tornava a vigesima primeira mulher da minha collecção de amantes bem mais velhas que eu.

Até hoje não comprehendi como foi aquillo.

Foi a bastante tempo. Estava eu nos meus dezenove annos bem nutridos, com um corpo que diziam robusto e uma responsabilidade muito grande sobre as costas: ser advogado.

Morava numa pensão barata la para os lados de Santa Thereza, onde recebia tres vezes ao anno a visita de meu pae, o respeitavel fazendeiro Fabricio dos Santos, que vinha ver de perto os meus progressos criminalistas; os progressos do Lombroso de Minas, como elle dizia orgulhoso...

E' preciso dizer que eu era de um irritante bom comportamento. Quasi não sahia á noite, a não ser para algum namorico infantil e innocente. Assim, nunca deixei de ser o ajuizado Sr Eustorzi Dias dos Santos, terceiro annista de Direito.

Foi por isso que não recusei o convite de umas moças, para uma festa á tarde num collegio de Laranjeiras. E fui. A casa estava cheia de meninos e de alegria dos meninos, enthusiasmados...

Octavio, no meio delles. Tinha nove annos, e, por isso mesmo, um desconhecimento completo das coisas da vida Rapidadamente fizemos camaradagem, a pretexto nem sei de que.

Começamos a conversar. Falamos sobre muitas coisas completamente tolas e já á noitinha, quando nos preparavamos para sahir, chegou este "caso" na minha vida que foi Luciola...

A' primeira vista, pareceu-me ser a irmã de Octavio; mas o meu espanto foi enorme:

Mme. Machado, minha mãe...

E eu que quando a vira, pensava logo em mais uma conquista familiar e sem consequencias, transformei por completo as minhas attitudes: enchi-me de respeito e cerimonias"

Sim porque na familia de Fabricio dos Santos, de Itanhaé, não se admitia o menor deslise conjugal.

Era uma coisa que estava entra-

Uma mulher indecifravel

nhada no meu cerebro e delle não sahia nem a cacete.

Mas, como chovesse muito e no bolso ainda restassem uns cem mil réis da ultima mesada, num gesto de cortezia (eu sempre fui cortez) tomamos um taxi.

No automovel, Luciola, sentada entre o filho e eu, espalhava um aroma forte de carne moça e ardente; era, toda ella, uma provocação que eu nem siquer notava, na minha confiança na intangibilidade dos lares... Eu estava saturado das theorias honestissimas de Itanhaé...

Fomos até a sua casa. Não entrei, "para descançar um pouquinho", apesar da insistencia do convite e de uma troca amavel de cartões, despedi-mo-nos com um burguez — Excellentissima ás ordens — que eu, respeitoso, curvo e ridiculo, espectorei na tarde chuvosa.

Naquella noite voltei para Santa Thereza sem a menor lembrança de Luciola, que eu esperava nunca mais encontrar. Mas, logo de manhã, ás nove horas, fui accordado pela Maria das Dores, uma portuguezinha empregada da pensão: .

— Lhe estão chamando no apparelho...

Era Luciola. O cartão lhe havia revelado o meu telephone. E com um pretexto qualquer alimentar uma palestra enormissima, que encheu de raiva á D. Carminda, uma hospede rabujenta, leitora assidua do "Jornal do Commercio" e que não admittia se occupasse o telephone por mais de cinco minutos.

Logo neste primeiro contacto vi o estranho temperamento de mulher que era ella, pela conversa cheia de paradoxos de theorias absurdas, agradavel por isso mesmo.

Depois dessa vez, quasi sempre ella me telephonava ora de dia ora á noite, sempre mantendo eu uma attitude cerimoniosa, que foi desapparecendo com intimidade que ella tomava.

Comecei então a perceber que alguma coisa a havia impressionado, talvez a minha timidez. E logo passei a olhal-a como mulrer e como mulher bella que era.

Ficara viuva de um general do Exercito e via se agora, um anno depois da morte delle, completamente só, com filho, uma bella fortuna e uma enorme belleza; e toda a sua juventude e o seu ardor moço me offerecia... Era impossivel resistir.

E lá se foi o ajuizado Sr. Eustagio Dias dos Santos, de cambulhada com todas as theorias honestissimas de Itanhaé...

O nosso romance durou quasi um anno. Um anno em que amei doidamente. Um anno em que me vi em apuros com as visitas paternas, sem saber como guardar os retratos indiscretos de Luciola, e muito menos, como guardar a devida austeridade...

Mas um bello dia tudo acabou: ella me escreveu dizendo calma e unicamente que nunca mais a fosse ver. Com a mesma facilidade com que nos havia unido, a sua sensibilidade exquisita, mysteriosa, nos separava. Não deu a menor explicação.

Corri á sua casa Estava fechada. E o jardineiro, unica pessoa que ficara, informou sorridente que Madame havia subido para Petropolis...

Dias depois, no "Jornal do Commercio", de Dona Carminha, vi o annuncio do leilão, do palacete de Luciola.

Fui lá pela ultima vez. Trouxe até um "abat-jour" lilaz da sua alcova... Mas não a vi. Nunca mais.

Foi a mulher mais intelligente que encontrei. E a mais util.

Porque com ella aprendi a não supportar a banalidade de todas as outras mulheres...

DANTE ANGYONE COSTA

DE MUSICA

Succedem-se os recitaes de piano e com elles succedem-se as pianistas — revelações de todos os dias, cada qual mais surprehendente pelo talento, pela intuição musical, pelo temperamento.

A surpresa de agora foi-nos proporcionada pela senhorita Nair Paiva da Cruz, 1° Premio de 1926, do Instituto de Musica, que só agora quiz enfrentar o publico, com as responsabilidades de um recital, realizado em homenagem a Henrique Oswald, que foi o professor que teve a fortuna de conduzil-a até á conquista da Medalha de Ouro.

Nair Cruz é uma dessas pianistas que, embora ainda apenas em principio de carreira, já se ouve com extraordinario prazer.

Alumna, que foi, de Oswald, possue ella todas as boas qualidades que caracterisam a escola do illustre mestre. E' senhora de uma technica excepcionalmente facil e sobretudo de uma clareza, de uma limpidez extraordinarias. Ella é uma dessas pianistas para quem o repertorio parece não conter difficuldades, tal a facilidade com que ella lhe vae vencendo os escolhos. Memoria felicissima, perfeito jogo dos pedaes, ella é, principalmente, uma estylista, para quem não ha confusão possivel entre Beethoven, Chopin e Oswald — para só citar os tres autores que figuraram no seu programma. As suas execuções são sadias e interessam a quem as ouve — condição que, no fim de contas, deveria ser commum e que, entretanto, não é muito frequente entre as artistas que se exhibem em publico. Uma vez por outra, poder-se-ia desejar que as interpretações da pianista tivessem um pouco mais de brilho, um pouco mais de calor e de enthusiasmo. Mas isso, que não chega a ser um defeito, é antes uma deficiencia que o tempo se encarregará de fazer desapparecer.

O programma de Nair Cruz continha a Sonata op. 53, de Beethoven, um Nocturno, um Estudo, uma Valsa e o Andante Spianato e Polonaise, de Chopin, tendo sido toda a segunda parte composta de peças de Henrique Oswald: Variações sobre um thema de Barroso Netto, Valsa, Serenade grise, En nacule e Chaure-souris, todas cuidadosamente preparadas, proporcionando á sala uma inolvidavel hora de gozo artistico e á talentosa pianista os mais enthusiasticos e merecidos applausos.

■

As colonias allemã e austriaca, domiciliadas nesta Capital, como já o haviam feito anteriormente com Beethoven, não quizeram deixar passar despercebida a data que assignalava o primeiro centenario da morte de Schubert. E assim, prepararam e levaram por deante a realização de dois excellentes concertos, em homenagem á memoria do grande musico.

O primeiro, teve logar no salão do Club Germania com o concurso das senhoras Ilara Gomes Grosso, Amelie Henn e Genny Petersen e senhoras Celio Nogueira, Iberê Gomes Grosso, Franz Becker, Rodolfo Josetti e Luiz Gonzaga Botelho. O segundo foi realizado no Theatro Municipal, tendo como collaboradores as senhoras Genny Petersen, Amelie Henn, Isolde Schraser e Elsbeth Maria Schraser, e senhores Oberstetter, Albert. Friedmann e Franz Becker.

O Theatro Municipal apresentou nessa noite o mais agradavel dos aspectos, pela concorrencia selectissima que o enchia, tendo sido todos os numeros applaudidos com vivo interesse. A orchestra esteve sob a direcção do Sr. Oberstetter, regente seguro e cantor apreciavel, merecendo aqui um destaque especial, entre os numeros do programma, os córos cantados no "Canto da Victoria", de Myriam, e nas Dansas allemães, as quaes produziram a melhor das impressões, graças ao cuidado com que foram preparadas.

O concerto, emfim, provou sobejamente que as colonias allemã e austriaca aqui domiciliadas, tomando a si a tarefa de prestar a homenagem que prestaram ao grande creador do "Lied", estiveram perfeitamente á altura dessa missão artistica que chamaram a si.

■

O recital de Messodi Baruel, como previramos, constituiu uma das notas artisticas mais suggestivas da semana. Não é frequente apreciar-se, num auditorio de concerto, o enthusiasmo que apreciámos no da talentosa violinista brasileira, que, apezar de já ter realizado dezenas de concertos em todas as capitaes do norte do Brasil, só agora, depois da brilhante conquista do seu Primeiro Premio do Instituto, deve ter sentido de perto a responsabilidade que significa uma exhibição em publico.

Messodi — já o dissemos mais de uma vez — possue em grande dóse, a fortuna rara do sentimento artistico. Quando executa, ella é a primeira presa da sua propria emoção. Abstrae-se do publico, abstrae-se de si mesma para se entregar, inteira, aos arroubos da inspiração que della se apossa; e a sua arte surge excepcionalmente sentida, para se transmittir ao auditorio, como um perfume que se evola e do qual não é possivel fugir.

Hoje, entretanto, não é apenas a violinista instinctiva que conheciamos, porque a serviço de seu temperamento excepcional, tem ella uma mecanica maravilhosa, que lhe permitte enfrentar e vencer todos os escolhos technicos, de que está cheio o repertorio do violino. Vendo chegado ao termo da sua jornada academica sob a direcção intelligentissima de Paulina D'Ambrosio, Messodi Baruel é, como violinista, a expressão viva e palpitante dessa escola admiravel, que já nos tem dado diversos artistas. Não ha necessidade, pois, de entrar em apreciações detalhadas sobre os predicados violinisticos de Messodi Baruel, que é hoje uma das nossas mais completas e mais suggestivas artistas.

Registramos o seu recital como um dos mais interessantes destes ultimos tempos e juntamos os nossos aos applausos carinhosos e enthusiasticos com que foi recebida.

Ajudando a natureza

Ha hoje em dia no mercado tanta coisa para embellezamento do rosto humano, que quasi se acreditaria na possibilidade da qualquer creatura poder ser bella, desde que usasse convenientemente e bastante de taes drogas. Mas isso não é inteiramente verdade. Feições perfeitas e regulares valem muito, na realidade, mas quanta mulher as tem e não póde ser considerada bella, nem mesmo bonita. E' que isso não basta. A's vezes vemos uma "bella" mulher, e quando descemos á analyse dos seus traços verificamos que elles estão longe da perfeição. O que nos impressiona em taes casos, póde ser o que chamamos "personalidade", ou o caracter da disposição physica a reflectir-se atravez do rosto. Uma mulher de máo humor, de expressão carrancuda ou de temperamento irritadiço, raramente será bella. E qual a causa desses defeitos? Possivelmente uma saude má ou alguma desordem interna. Os cremes "auxiliarão" uma cutis má, mas não a conservarão. Destruiremos uma espinha com a applicação local de um remedio apropriado, mas ella porém voltará ou outra apparecerá em logar differente, a não ser que removamos a causa que a origina. Eis a razão, porque toda mulher deve dar attenção á sua saude, si quer ter uma boa pelle ou a melhor apparencia. Uma laranja ou um figo comido emquanto a gente se veste pela manhã, ou um copo de agua mineral, ou ameixas seccas ou passas como café da manhã, são os melhores cremes preliminares conhecidos. Em primeiro logar sempre uma boa saude.

O celebre escriptor e autor theatral inglez Edgar Wallace photographado deante do apparelho graças ao qual elle dicta mais de dezeseis mil palavras por dia.

No Minho, em Portugal — Procissão de N. S. Guadelupe percorrendo os caminhos de Riba de Ancora.

Senhor J. Mitcheson, consul da sua Majestade Britannica na Bahia, onde é muito estimado.

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

■

Para fazer um café bem bom é preciso ser poeta ou doido. — **Hélene Picard.**

■

■

Senhorita Lucila Moreira, da sociedade de Recife, na praia de Olinda.

A'S SENHORAS E SENHORITAS

As manchas, as sardas, os cravos e as espinhas do vosso rosto de ha muito vêm dando que pensar. Experimentaram, estou certo, os melhores, os mais caros e mais preferidos cremes indicados para esse fim, no entanto, o vosso rosto ou continúa na mesma ou obteve um resultado passageiro.

E' que na maioria das vezes taes manifestações não dependem da pelle simplesmente, onde o creme ou pomada poderia produzir resultados; a causa está justamente no sangue que está reclamando um eliminador de suas impurezas, um depurativo de todas as materias que o viciam, uma vez eliminadas do sangue taes substancias verão desapparecer, como por encanto, todas as manchas, sardas, cravos, espinhas, pannos, etc. Notareis uma differença apreciavel no vosso peso, a vossa côr tornar-se-á rosada, desapparecendo por completo essa pallidez constante de vosso rosto. Direis logo — como conseguir cousa semelhante, como purificar meu sangue ? Para que não percaes tempo em estar indagando, creio prestar-lhes um beneficio adeantando-lhes que deveis fazer uso de um vidro de Elixir de Inhame Goulart, tomando uma colher depois de cada refeição. Só este saboroso medicamento será capaz de lhes dar o resultado acima referido. Direis ainda — onde encontrarei tal especialidade ? Afim de conseguirdes ficar livre desses flagellos da belleza, ainda adeanto-lhes que em qualquer pharmacia ou drogaria o encontrarão. Com um vidro se consegue muitas vezes resultados admiraveis, no entanto ha casos que dependem de um tratamento mais demorado, não sendo sacrificio, dado não só o preço commodo como se consegue engordar consideravelmente em poucos dias. E' de sabor muito agradavel.

■

■

De Paris

O senhor Kellogg e o embaixador dos Estados Unidos na França, sahindo da Igreja americana da Avenida George V, em Paris.

Dizendo do Sr. Myrron Herrick, embaixador dos Estados Unidos na França, que goza, entre os francezes, da mesma sympathia e da mesma posição invejavel que entre os brasileiros soube se fazer o Sr. Edwin Morgan, creio lisonjear a ambos.

A imprensa franceza, e o francez em geral, desde que não seja autoridade governamental, não escondem um certo resentimento contra os americanos. A França tem duas queixas contra a America: a liquidação da divida de guerra e a "prohibition law", que foi um cravo na roda da exportação dos seus vinhos.

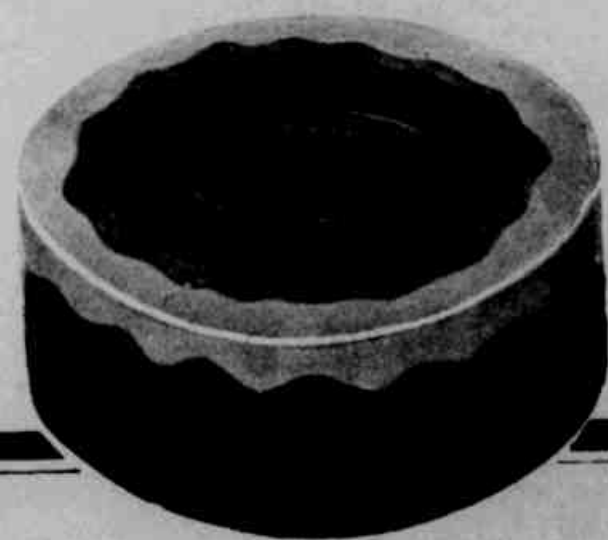
Longe de mim discutir esses assumptos. Que Deus me perserve de escrever sobre politica internacional, quando as questões em causa não concernem o nosso Brasil. Limito-me a constatar os factos, que, precisamente, melhor fazem sobresahir a figura desse embaixador, para o qual essa mesma imprensa e esses mesmos francezes não têm palavras outras que de carinho.

E é o exemplo desses dois diplomatas que mereceria fosse seguido por todos aquelles que, no estrangeiro, têm a missão de representar seus paizes.

Infelizmente, os nossos Nabucos tornam-se raros. Ainda assim, é de justiça salientar a situação excepcional que se criou o nosso embaixador em Paris, S. Exa. que é hoje uma "figura parisiense" vive cercado da estima e apreço de todos.

O. MAIA

Paris, Setembro de 1928.

DESENHO REGISTRADO
Nº 4711
Fé
O Po de Arroz
para a dama da alta esphera
VISITEM A LINDA EXPOSIÇÃO NA
PERFUMARIA MONCHIC
RUA URUGUAYANA, 32

May Moran Sisters,
bailarinas excentricas que voltaram ao Rio.

A cantora brasileira
:: Zola Amaro ::

Auzenda de Oliveira,
actriz portugueza,
na peça "A Mulher
:: no anno 2000" ::

Theatro em Caxambú. — Scena de uma peça representada pela
Escola Dramatica dirigida pelo jornalista Victorino Fonseca.

O desprezo deve ser o mais mysterioso dos nossos sentimentos. — **Rivarol.**

■

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje

PARA TODOS...

1 — Dezembro — 1928

O tempo passa...

O tempo passa, o tempo está passando...

Tenho a sensação nitida do escorregar da areia na ampulheta, da fuga das horas entre as minhas mãos, uma sensação horrivelmente angustiosa. Olho-me no espelho.

Este pouco de mocidade que me resta se me afigura, bruscamente, tão precioso e ao mesmo tempo tão instavel, tão ameaçado que, sem querer, volto a cabeça como se houvesse atraz de mim alguem prestes a roubar-m'o. Oh ! a infantilidade deste gesto...

O gatuno está em mim, o inimigo sou eu mesma.

Quem me vae destruir, quem me está a pouco e pouco, todos os dias, inexoravelmente destruindo, é este bater constante do meu coração, este marulho intimo e profundo da vida: a cadencia de meu sangue no seu perpetuo trabalho de irrigação vivificadora.

Quando parar... Ah ! eu não quero pensar na fatalidade dessa parada, não quero pensar na hora em que a minha fórma, essa pobre fórma de que não gostava, ha de desapparecer dentre os vivos.

Já quando penso em todos companheiros de infancia, todas as creaturas de meu tempo que se immobilisaram no grande somno, parece-me já ter um pouco ido com elles...

Quantos olhos em que se espelhou a graça fugitiva de minha mocidade já se fecharam !... Quantas pupillas em que boiava o meu reflexo de outr'ora foram tragadas pela sombra da terra, levando comsigo a imagem do que fui !... Ha de vir, um tempo, talvez, em que só eu me recorde de mim...

Abro a janella como para afugentar o corvejamento agoureiro destes pensamentos... Um sopro fresco, vindo do mar, bate-me em cheio no rosto agoniado. Aspiro-lhe com delicia a refrigerante emanação, embebo-me delle, sinto-o circular-me nas veias, vivo um minuto, silenciosamente, inebriadamente, como sublevada de mim por este effluvio do largo. Vivo... Todas as minhas fibras se dilatam do obscuro gozo de existirem... será possivel que se tenha de renunciar a viver ?...

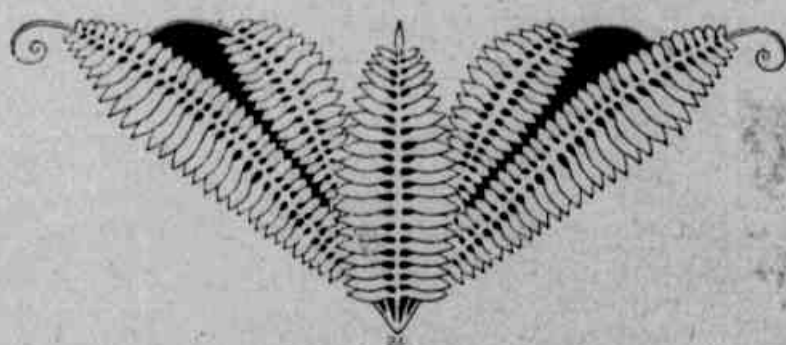
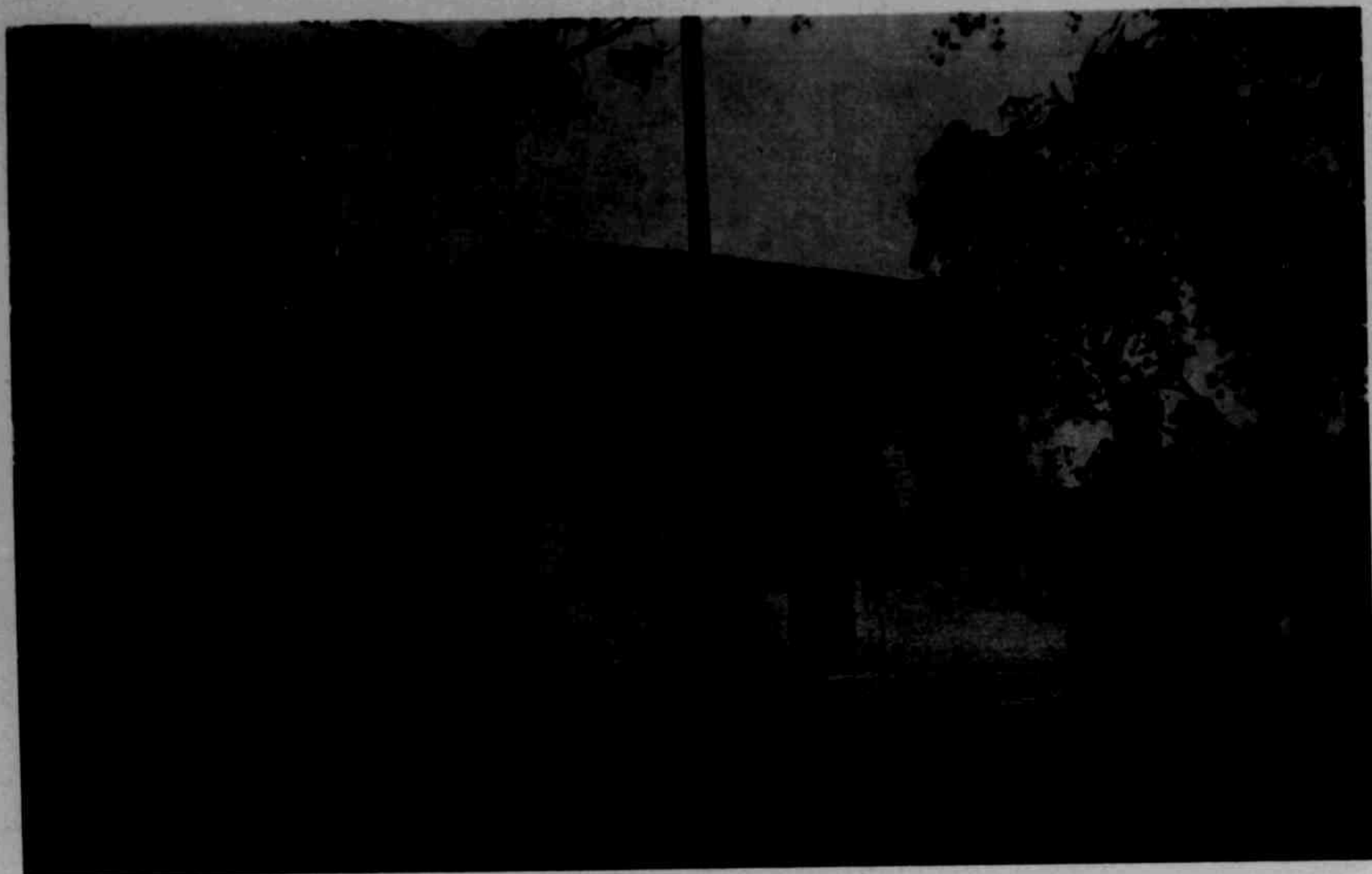
Durante um momento, um curto momento, uns olhos esquivos alanceiam-me de saudade... da mais triste das saudades: a saudade do que poderia ter sido...

E' toda esta minha doida palpitação de vida é como a inutil oblata do meu fervor a um deus em quem não creio e que, indifferente como todos os deuses, nunca me quiz a tempo attender...

Ah ! para quanta cousa já não é mais tempo, quanta?!..

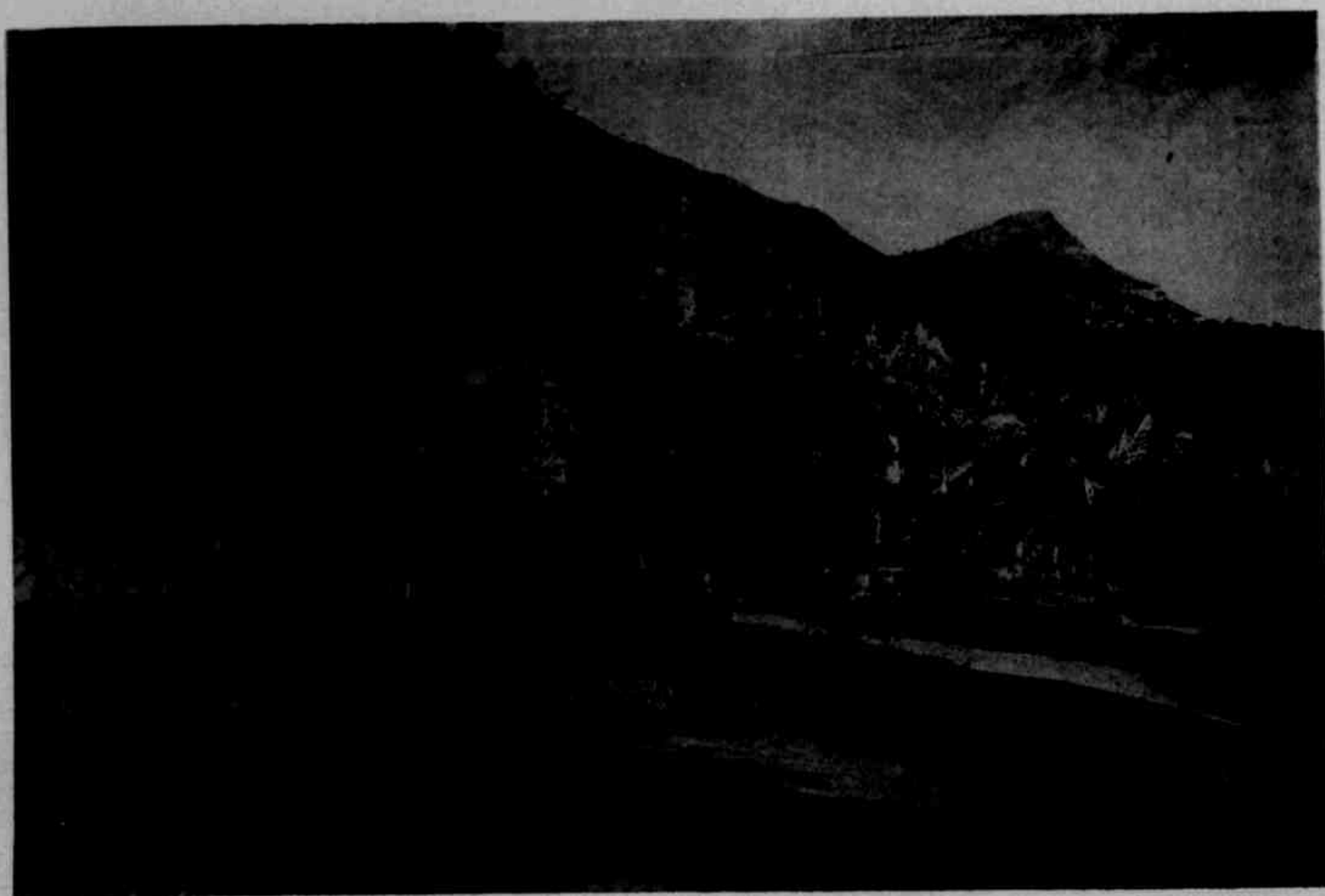
E de novo, lancinantemente, dolorosamente, torturadamente sinto o tempo que passa... que passa.. que passa...

MARIA EUGENIA CELSO

DE ONDE D'ANNUNZIO VEM AO BRASIL

Em cima: a casa do poeta em Cargnacco á beira do lago de Garda. A' direita :: se vê uma ponte. ::

Em baixo: recanto do parque. Entre as arvores a estatua da Victoria coroa- :: da de espinhos. ::

Villa Lobos

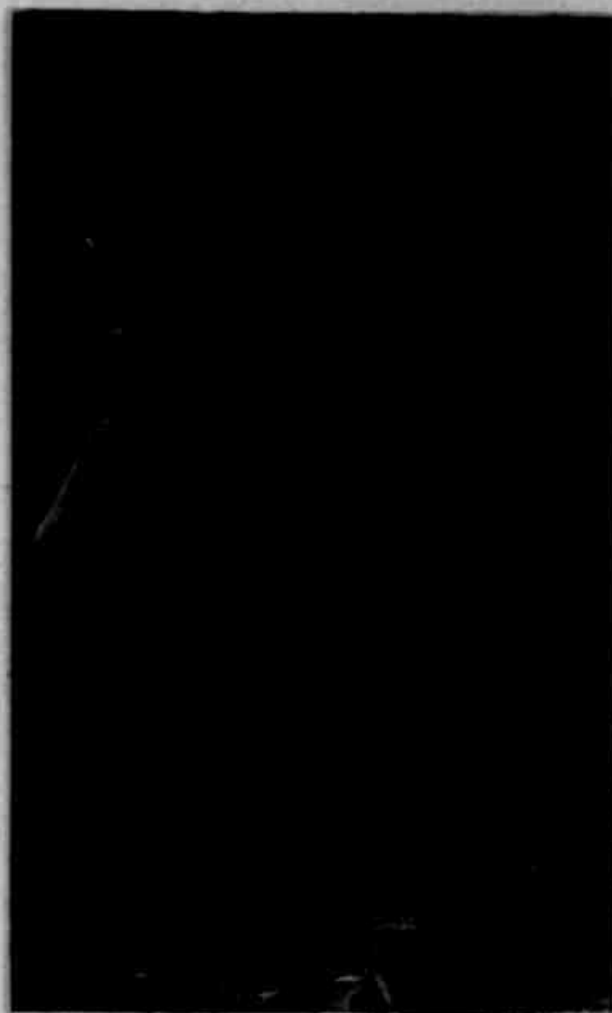
DI CAVALCANTI

As noticias que vêm da Europa sobre o nosso grande compositor são sempre animadoras; ainda ha pouco no "Diario da Noite", de São Paulo, em correspondencia de Berlim, Mario Pedrosa, um dos espiritos criticos mais lucidos do Brasil, contou-nos dos ultimos successos do Villa, coisas positivas: casas editoras deram-lhe contractos vantajosos, concertistas reclamam as suas composições, os theatros pedem-lhe a regencia de orchestras famosas.

E' emfim o triumpho tão desejado pelo obstinado e superior egoismo do nosso grande compositor.

Villa Lobos avançou para a Europa com a impetuosidade de um barbaro e venceu, venceu sobretudo pelo que elle levou de alma brasileira plasmada na sua formidavel estupidez de genio.

Pensando nos seus successos de agora, relembro a sua estréa em Paris tão significativa.

Foi no dia 9 de Abril de 1924, no "Salon des Agriculteurs", contractado pelos "Concerts Wiever".

Vera Janacopulos appareceu para iniciar a parte de Villa Lobos. Cantou duas melodias, uma com versos de Ribeiro Couto, outra com versos de Manoel Bandeira. O publico applaudiu diplomaticamente. Havia ainda a peor etapa a vencer. René Benedetti veiu á scena e acompanhando Vera iniciaram as tres canções para violino e canto: "A menina e a canção", "Quero ser alegre" e "Sertaneja". O publico percebeu então que não estava deante de um musico amavel. Na ingenuidade d'"A menina e a canção", no comico sadio de "Quero ser alegre" e na volupia de "Sertaneja" havia qualquer coisa que elle não conhecia. A sala começa a se dividir — pequenos commentarios, sorrisos ironicos, enthusiasmo, outros grupos eram positivamente contrarios. O trio para hautbois, clarineta e baixo decide tudo. Villa Lobos vem elle proprio reger. No meio da primeira parte o publico está positivamente dividido. Na segunda parte ha um prenuncio de vaia quasi levada ao fim, mas os que comprehenderam estão firmes, pedindo silencio...

VILLA LOBOS

Terminada a terceira parte Villa Lobos foi chamado tres vezes á scena sob a vibração de applausos calorosos.

No fim do concerto fomos commemorar o successo em Montmartre.

O Villa, não percebendo que sahira victorioso do seu primeiro encontro com o publico parisiense, exclamava, com o seu arzinho de funccionario dos correios, neurasthenico:

— "Eu só serei comprehendido na India !"

Villa Lobos é uma creatura irritante de quem a gente vem a gostar pela profunda admiração que sua arte nos inspira.

Na época do seu primeiro concerto em Paris, viviamos em estreita convivencia lá naquelles desertos populosos do "Quartier Latin".

E quando eu precisava mais força, mais idealismo, já sabia o que fazer. Subia os tres andares da praça St. Michel. Lá estava o Villa derrubando a sua floresta, o mesmo Villa da rua Didimo, aqui no Rio. O mesmo: gritador, nervoso... O mesmo ingenuo.

A's vezes me dizem: Villa Lobos é isso, é aquillo; eu, ás vezes, acho Villa Lobos detestavel.

Villa Lobos é tudo que disseram, é tudo que, eu penso, não agrada ninguem, tem o olho grande, usa frack, não sabe dansar, etc., etc... mas é um grande artista.

Muito se póde dizer da musica de Villa Lobos com pretensões eruditas mais ou menos acceitaveis, mas não é preciso dizer nada, ella realiza o milagre das coisas verdadeiramente grandes, nos impondo o mais profundo e commovido silencio. Ella é como essa terrivel natureza do Brasil, sem bonitezas, simplesmente grande.

Na Europa, onde tudo se ergue de ruinas, a musica de Villa Lobos espanta, porque sae da terra virgem, brotando como uma immensa flor selvagem.

Todo grande valor de Villa Lobos é ter ficado brasileiro, com todos os nossos defeitos, o que o livrou sempre do dilettantismo literario.

Em Paris, á sombra das cathedraes, elle continúa como um "Soba" de cocoras, o violão afinado, cantando para um fabuloso "Ogum", creado pelo seu paradoxo de mestiço.

Aspectos do Recife

RIBEIRO COUTO

PRAIA DA BOA VIAGEM

O mar da Boa Viagem é maravilhoso. Cahiu nelle a caixa de tintas com que Deus andou, nos dias iniciaes, pintando as paysagens do mundo... ficaram misturadas as côres, de tal modo que ao

longo da praia temos um azul escuro e lá longe, no horizonte, pinceladas amarellas, emquanto verdes claros, verdes intensos, azues pallidos, mil nuanças intermediarias, confusas, derramadas sem ordem, compõem uma exposição de oleos inquietos, na luz deslumbrante do equador...

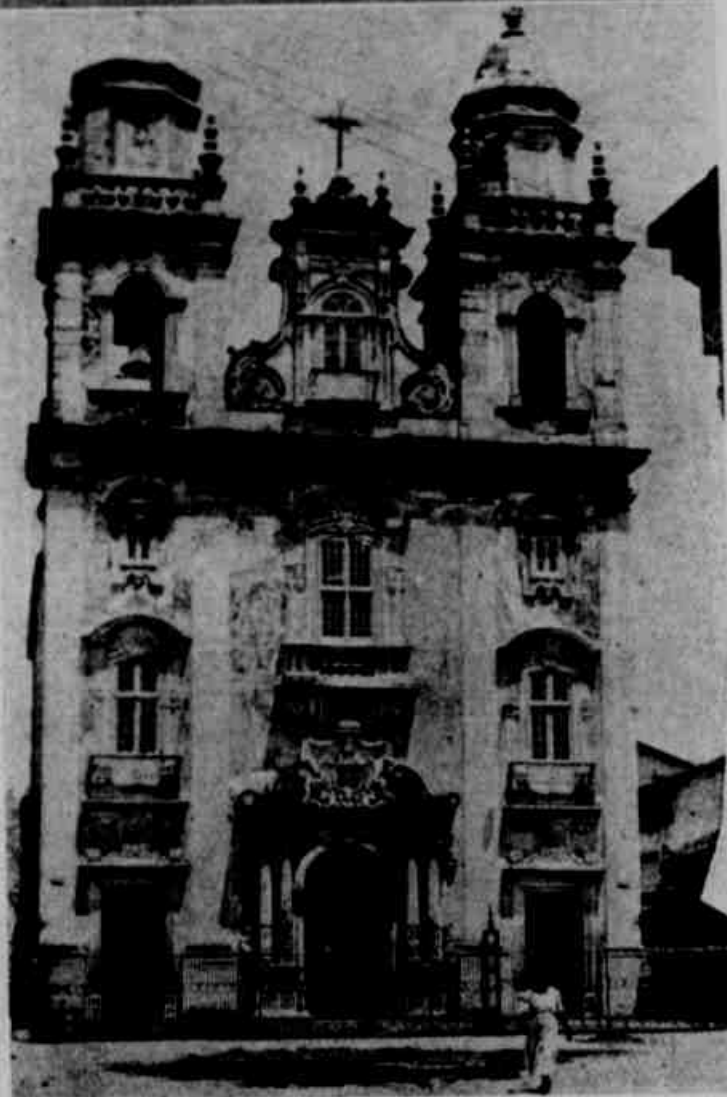
OS MUCAMBOS

A's vezes, emergem dos mangues, matto anão que verdeja nas laminas escuras da agua morta. Parecem aldeias lacustres. Outras vezes agglomeram-se em ruas humildes, derivando subito das estradas. E ha por ahi terreiros limpos, com rêdes de pesca seccando ao sol. Ou estão ao longo das praias, acompanhando o mar, intercalando-se entre os coqueiraes enormes, que o vento agita em gestos monstruosos.

Os mucambos! Apenas umas pobres casinhas de porta e janella, paredes de páo a pique, telhado de folhas de palmeira. São milhares, porém, todos tão iguaes, tão fraternos, que immediatamente se pensa:

— Que bom ser pobre no Recife...

Tudo tão quieto em torno! O terreiro varrido, umas gallinhas bicando bichinhos, uma creança a brincar com uma latinha velha... Ha roupas remendadas pendendo de varaes, roupas que estiveram no mar e, no balanço em que se agitam, ao vento, parecem estar a dizer ás ondas — que já voltam.

Emquanto, lá dentro, sob o telhado de palha, na grande paz do dia de sol, a mulher prepara a janta, conforme conta aquella fumacinha timida que sobe ao ar.

Coqueiros, jangadas, mucambos, São Pedro dos Clarigos.

OS COQUEIROS

Além das aguas deste braço de mar, as ilhas chatas brilham ao sol, rodeadas, ao longo da praia, pelos mucambos de palha, tão baixinhos, tão quietos que parecem pessoas humildes. E por traz das pequenas povoações de mucambos, os coqueiros, muito altos, escandalosamente decorativos, marcam suggestões de Africa pittoresca na paysagem brasileira.

— E' uma lavoura rendosissima Cada coqueiro póde produzir milhares de cocos...

Ah, como as informações estragam os panoramas! Quem poderia suppôr, deslumbrado pelos coqueiros do Recife, que isto fosse uma lavoura em vez de ser um ornamento?

O VELHO RECIFE

Este velho Recife, com lampeões do Imperio a romper de umas poucas viellas insistentes (morra o progresso! murmuram), este velho Recife é o que devemos amar. Nos casarões de tres andares ha janellinhas rudimentares, tão simplesinhas, em quadrados rectangulos, que toda gente ali, sem nenhuma illusão, um não sei que de olhos baixos, esses olhos que não se pintam, mas se enfeitam (Ao passo que ha janellas pretensiosas, de casas modernas, que são como olhos de cocottes). Como é virtuosa essa architectura dos sobradões antigos! Fidelidade, recato, equilibrio de sentimentos... As janellinhas das velhas casas do Recife são o "espelho d'alma", dessas massas architectonicas.

Aliás, que alegria! Vermelhas, azues, verdes, amarellas, estas casas têm cada uma a sua côr berrante, dando ás ruas, por essa polychromia das fachadas, a expressão salubre de um immenso taboleiro de fructas do Brasil.

E em baixo, larga, reflectindo as cousas, atravessada de pontes, levando as aguas tranquillas, a grande questão orthographica: Capibaribe... Capiberibe...

No cáes do porto, quando embarcou para Curityba o senhor Porto da Silveira, do gabinete do presidente do Estado e redactor-chefe d'"A Republica".

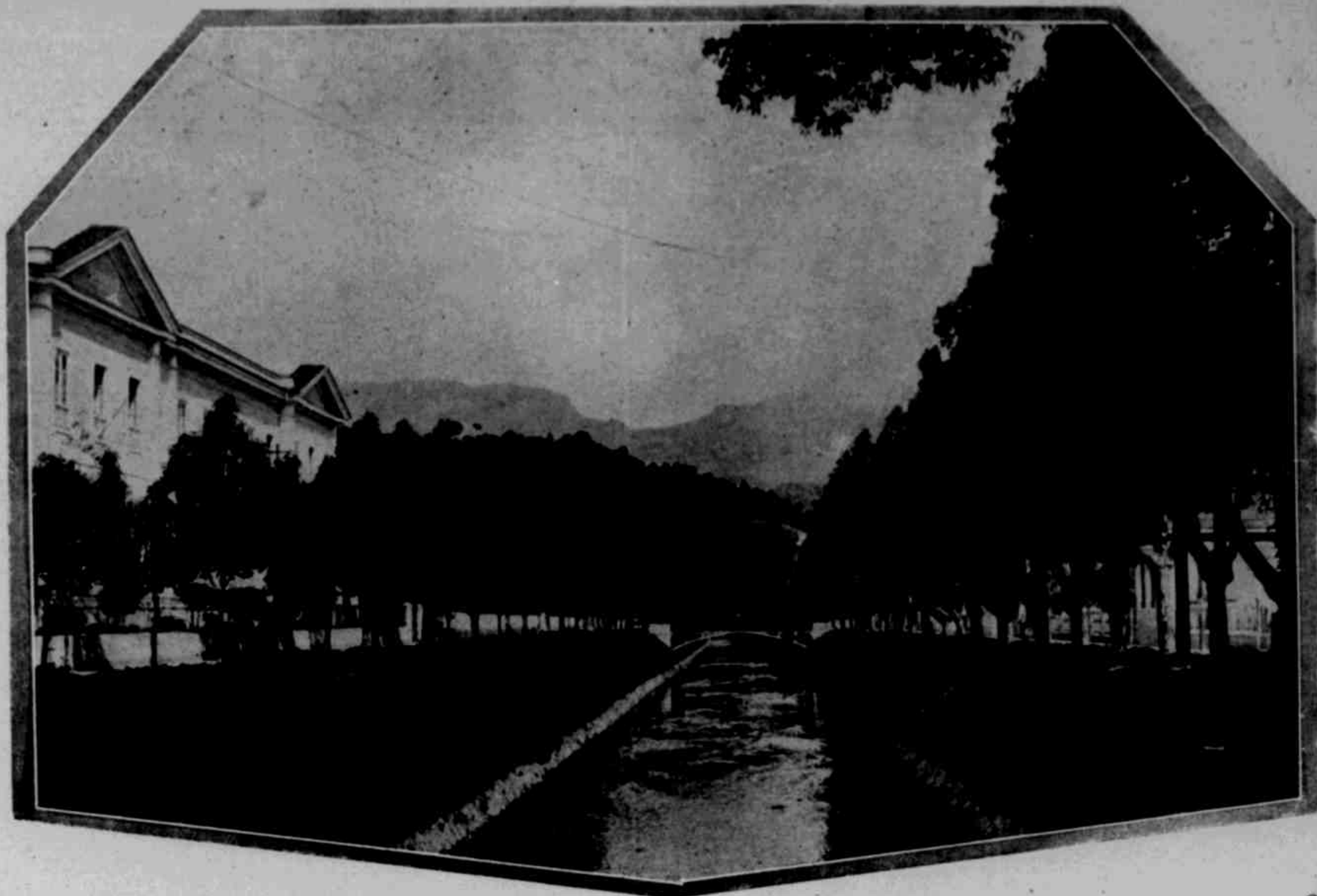
No Palace-Hotel, sabbado passado, quan do foi o almoço em homenagem ao Dr. Demosthenes Rockert, novo director-presidente do Lloyd Brasileiro.

No Club dos Bandeirantes, antes do almoço offerecido ao senhor Candido Duarte. Em baixo, no Sport-Club Brasil durante a festa do seu 16° anniversario.

PRAIA
DO
FLAMENGO

O VERÃO NO RIO DE JANEIRO

COPACABANA

Tempo quente sempre ha. O segredo da felicidade é descobrir o clima temperado desde o começo até o fim da vida. Não negar tudo como os neurasthenicos, os pessimistas, os eleitores. Não affirmar tudo como os namorados, os cinematographistas, os vendedores a prestação. A primavéra está no meio. Os medicos dizem que se deve morar seis mezes perto da floresta, seis mezes perto do mar. Depende da lei do inquilinato. Ora, pensando bem, não ha nada mais metaphysico do que o clima. Dentro de nós, na cabeça ou no

O RIO PIABANHA

O VERÃO EM PETROPOLIS

coração, é que o sol queima, o vento sópra, a chuva cáe. A exclamação lusitana: — Raios que o partam! — serve de próva. Os raios são outros, ultra-interiores. Tambem nós costumamos dizer: — Não ha sabbado sem sol. — Por acreditar nisso muita gente tem se molhado. Tempo quente sempre ha. Mas tempo quente mesmo agóra é que começa e vae até depois do Carnaval. As beiras do mar se apinham. Petropolis volta aos seus dias cheios. O ar da montanha é christão. O ar da :: :: praia é pagão. :: ::

PRAÇA D. AFFONSO

Uma enquête literaria

A 3 de Março do anno passado, após uma eleição em que obteve a unanimidade de suffragios, era recebido, na Academia Brasileira de Letras, para succeder do poeta Osorio Duque Estrada, o maior americanista vivo do Brasil, — o sr. Roquette Pinto.

A unanimidade da eleição que levou o sr. Roquette Pinto a occupar a cadeira de Osorio, teve uma significação que deve ser posta em relevo: é que o sr. Roquette Pinto para pletear a insigne honra de pertencer á Academia, não ia bater ás portas do conspicuo gremio enfeitado com uns bordados de general nem estribado no prestigio de uma alta posição politica: elle ia, modestamente sobraçando a sua obra, o resultado do seu labor mental, durante longos annos de meditação e de labuta. E essa obra era de tal vulto, tão nobre os propositos que a inspiraram, tão respeitaveis os esforços que a produziram, — que a Academia, num gesto sereno de justiça, abriu os braços ao candidato illustre e o recebeu no seu seio.

E effectivamente. Comquanto de um moço, a obra do sr. Roquette Pinto tem hoje, principalmente para a sciencia no Brasil, um valor consideravel. Todas as questões que se prendem ao estudo da nossa terra, da nossa natureza e da nossa gente, tem merecido do sr. Roquette Pinto attenções especiaes. As suas pesquisas e observações sobre ethnographia brasileira são de grande valor, bem como os seus estudos sobre a nossa anthropologia, depois da contribuição de Nina Rodrigues e João Baptista Lacerda. Póde dizer-se que o sr. Roquette Pinto fixou os elementos reaes para a exacta caracterisação dos typos anthropologicos da população do Brasil.

Mas não se diga que o sr. Roquette Pinto é apenas um estudioso de gabinete. Não. A sua curiosidade o tem levado a perlustrar as terras do Brasil e a estudar, "in loco", as nossas curiosidades. Em 1912, incorporou-se á expedição "Rondon". Longos mezes esteve mergulhado nos sertões. De volta, deu-nos esse admiravel livro "Rondonia", inestimavel manancial de informações preciosas para todos aquelles que desejam conhecer aquillo que o Brasil tem de mysterioso, de singular, de excepcional e de grande.

Mas a Academia, acolhendo em seu seio o scientista, premiou igualmente os meritos do artista que no sr. Roquette Pinto não são vulgares. A sua obra, quer a literaria, quer a scientifica, está vasada numa lingua aprimorada e num estylo brilhante. Os seus contos, revivendo episodios do sertão, estão cheios de emoção e de dramaticidade. As suas narrativas e descripções têm um colorido e uma vida que só uma alma de artista lhes poderia emprestar.

* * *

O sr. Roquette Pinto actualmente exerce o cargo de director do Museu Nacional. E' formado em Medicina. Já tem exercido outros cargos publicos. Quando o Brasil recebeu do governo do Paraguay solicitação para mandar á capital da Republica vizinha e amiga um scientista brasileiro para organisar ali, officialmente, o ensino da physiologia, foi na pessôa do sr. Roquette Pinto que o nosso governo encontrou o homem que devia desempenhar essa honrosa missão.

Tem publicado successivamente: "O exercicio da medicina entre os indigenas da America", "Excursão á região das Lagoas, no Rio Grande do Sul", "Rondonia", "Conceito actual da vida", "Seixos rolados", contos, fantasias, artigos, e varias monographias de sciencia e historia.

* * *

O illustre academico envia-nos a seguinte resposta:

I — Que pensa, de um modo geral, do nosso movimento literario? Temos evoluido, estacionamos ou temos retrogradado?

— "A literatura brasileira tem evoluido rapidamente. Basta comparar poetas, romancistas e eruditos do nosso tempo com os do passado.

"Fugindo ao captiveiro", "O caçador de esmeraldas" em nada são inferiores a "I-juca-pirama" ou ás "Vozes d'Africa". A erudição de João Ribeiro ou de Capistrano não encontro egual nos antigos tempos. Creio que o presente tem saldo..."

II — Que pensa da luta das chamadas escolas literarias? Qual dellas tende a predominar? Quaes os escriptores contemporaneos que as representam?

— "A importancia das chamadas "escolas literarias", no movimento geral da cultura — muito incerta. Os escriptores eternos são os que não "fazem literatura".

Senhor Roquette Pinto

III — Por que se fez escriptor? Por tendencia? Por necessidade? Há uma situação, material, de inferioridade do escriptor nacional em face do escriptor estrangeiro? Si ha, quaes as providencias de ordem moral ou legal que indica para melhorar essa situação?

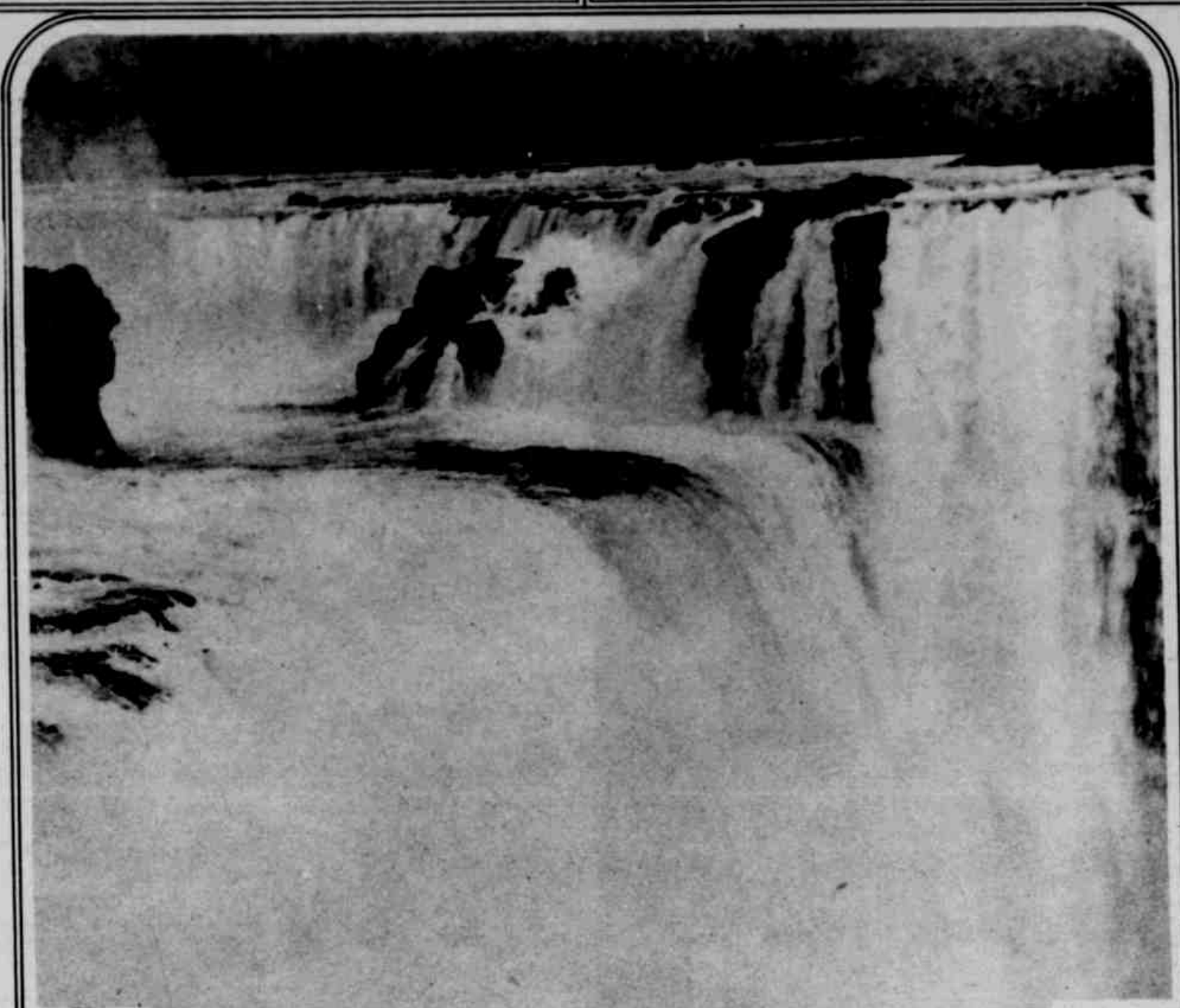
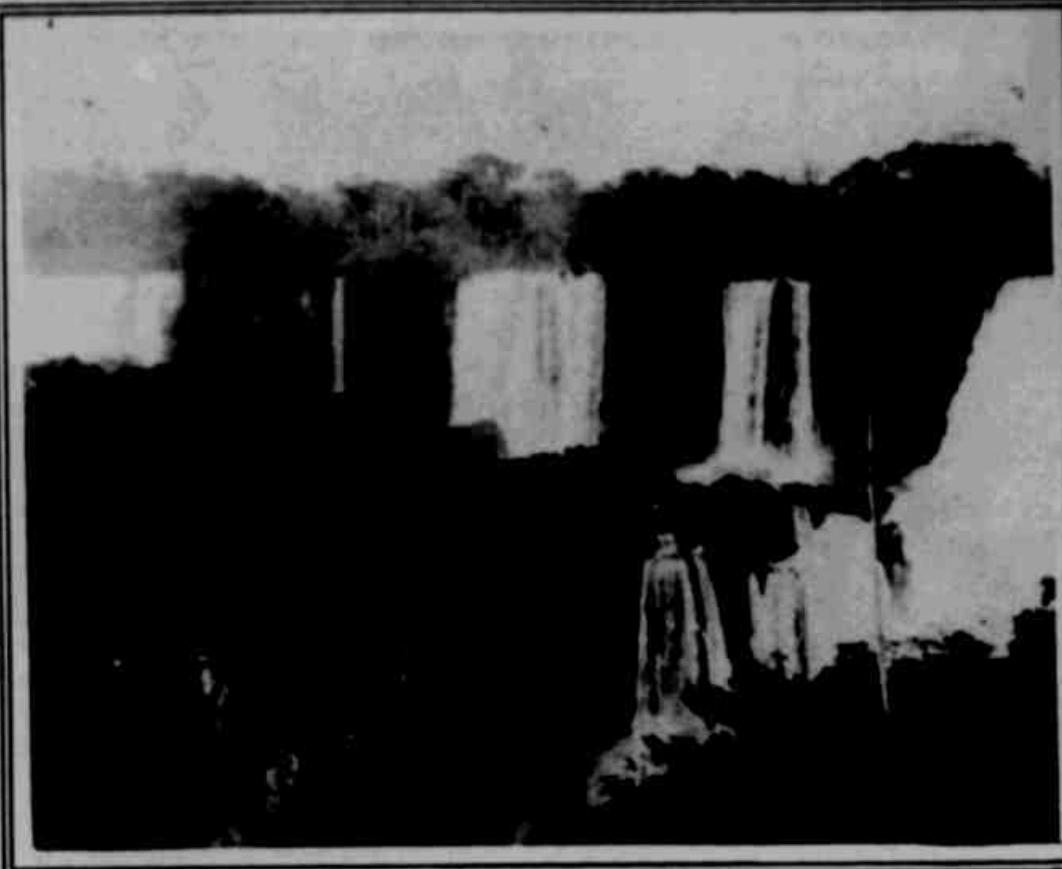
— "Comecei a escrever no dia em que me pareceu ter encontrado algo de novo, digno de ser divulgado ou archivado. Foi a Natureza do Brasil que me fez escriptor. A situação precaria dos nossos escriptores é identica a de todos os nossos intellectuaes (artistas ou scientistas). Deriva da incultura geral do povo. Só a educação nacional poder aos poucos melhorar as condições de todos".

IV — Entre os seus livros, quaes os que prefere? Por que?

— "Prefiro a "Rondonia", porque não é livro de ficção que poderia ter sido composto em qualquer tempo e... por outrem. E' um instantaneo de quadros naturaes que só uma vez póde ser tirado, fixando um momento da existencia da minha terra e do meu povo".

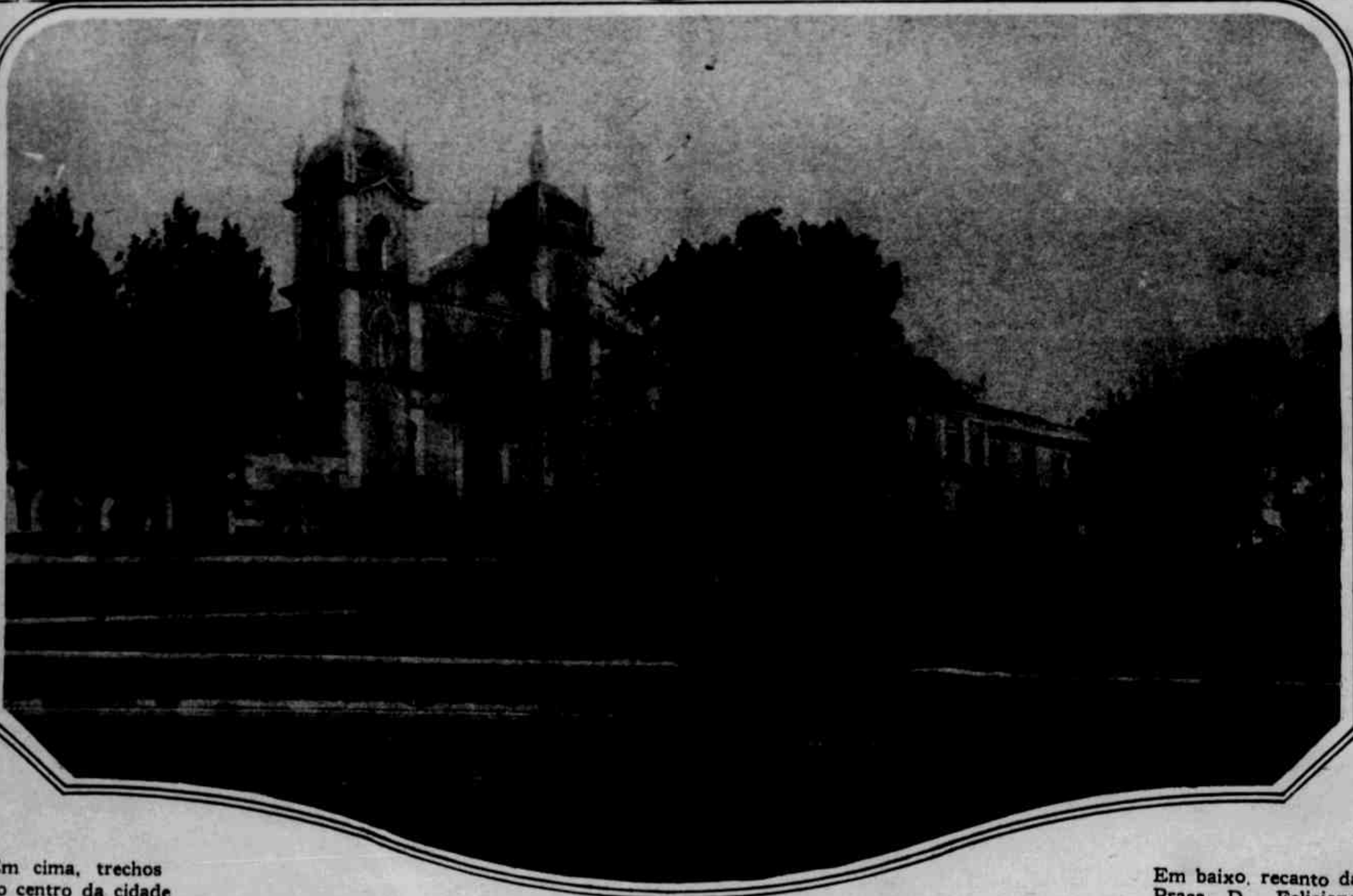
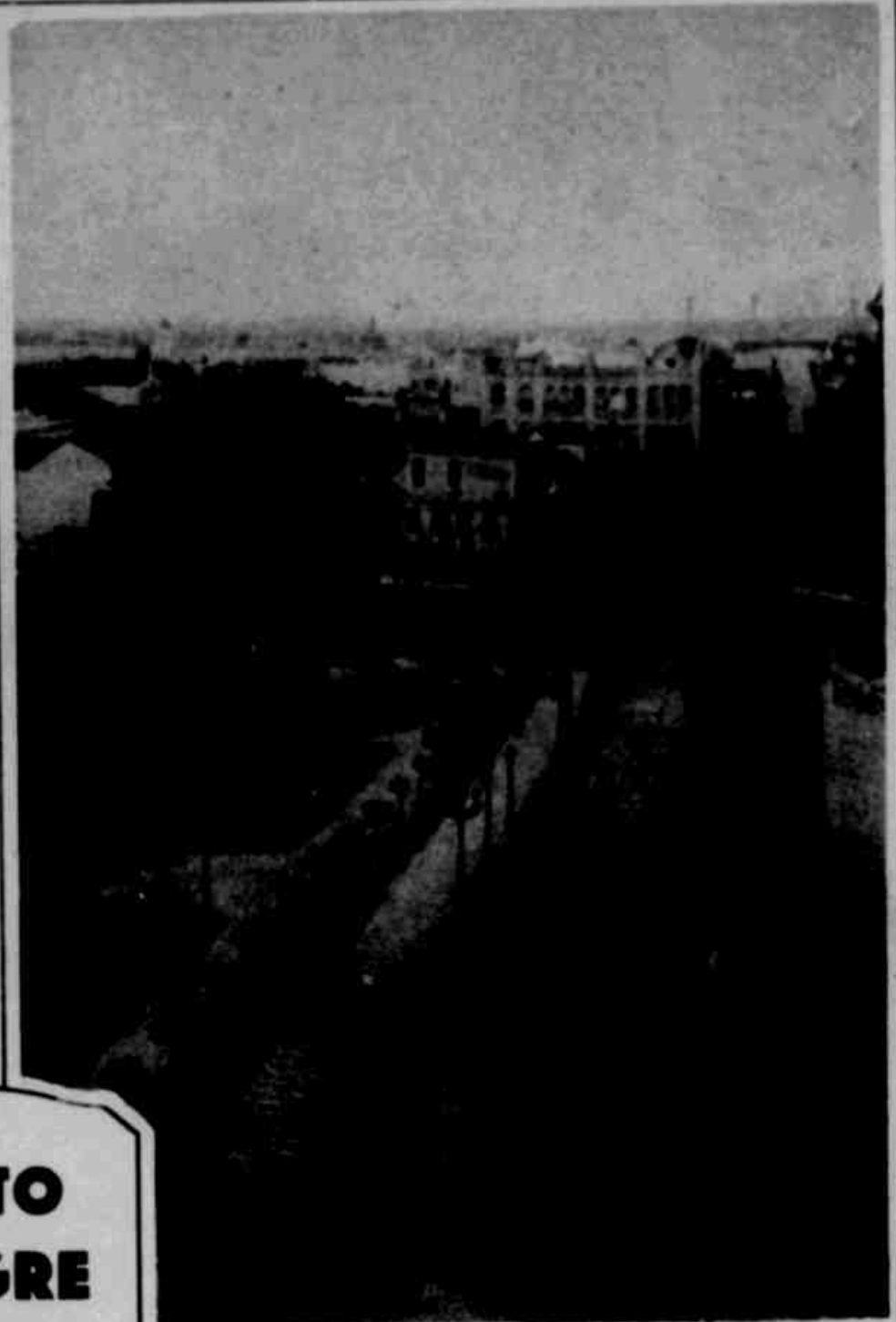
V — Como trabalha ordinariamente? De dia? De noite? Que papel, que tinta prefere? Satisfaz-lhe a primeira elaboração do trabalho?

— "Escrevo de preferencia com tinta preta, no papel branco, sem pautas, onde a penna corre livremente. Em geral escrevo muito de pressa porque jamais começo sem ter assumpto. Não gosto de escrever porque a penna anda sempre mais de vagar do que desejo".

J. A. Baptista Junior

S A L T O S D O R I O I G U A S S U'

Tres aspectos das aguas lindas do Sul do Brasil.

Estado do Paraná

PORTO ALEGRE

Em cima, trechos do centro da cidade

Em baixo, recanto da Praça D. Feliciano

CONTRASTES

POR

DI CAVALCANTI

AQUI NO RIO AINDA HA AMOROSOS DE OUTRA IDADE, OS QUE AINDA ACREDITAM EM SERENATAS AO EMBALO DAS ONDAS...

...E TAMBEM OS QUE SE QUEREM PELO ULTIMO MODELO DOS FILMS "YANKEES", OS QUE SO' COMPREHENDEM O AMOR NOS ULTIMOS ANDARES DOS ARRANHA-CEOS AO SOM VIOLENTO E ROUCO DAS VICTROLAS.

DOMINGO DEPOIS DA MISSA

O

HOMEM

QUE

FAZ

A

EUROPA

CURVAR-

SE ANTE

O

BRASIL...

S A N T O S D U M O N T

Caricatura

de

Di Cavalcanti

Santos Dumont junto do monumento com o qual o Aero Club de França consagrou a obra maravilhosa do Pae da Aviação. O Rio vae receber depois de amanhã o grande patricio com uma alegria unanime. Desta vez, Santos Dumont encontra o Brasil bem ::: brasileiro. :::

A festa das sombrinhas em Copacabana

Instantaneos na Avenida Atlantica e na praia.

A commissão julgadora na barraca do Praia Club, que foi o organisador da linda reunião de domingo.

DOMINGO EM COPACABANA

Luxo—1º premio— Senhorita Stella Rabello. 2º premio — Senhorita Luzia Paladino. 3º premio— Senhorita Ennes Pinto da Rocha.

Arte—1º premio — Senhorita Marina Kós. 2º premio — Senhorita Maria da Conceição Chaves. 3º premio — Senhorita Angela Chaves.

Originalidade — 1º premio — Senhorita Lucilia Carvalho de Mesquita. 2º premio—Senhorita Lucia Peixoto. 3º premio —Senhorita Irene Barone Ariza.

Menções honrosas — De 1º grão — Senhoritas: Glaucia L. Gomes, Lourdes Christofaro, Sylvia Ferraiolo, Cléa Flores, Laurita Malcher, Eunice do Valle, Regina San-

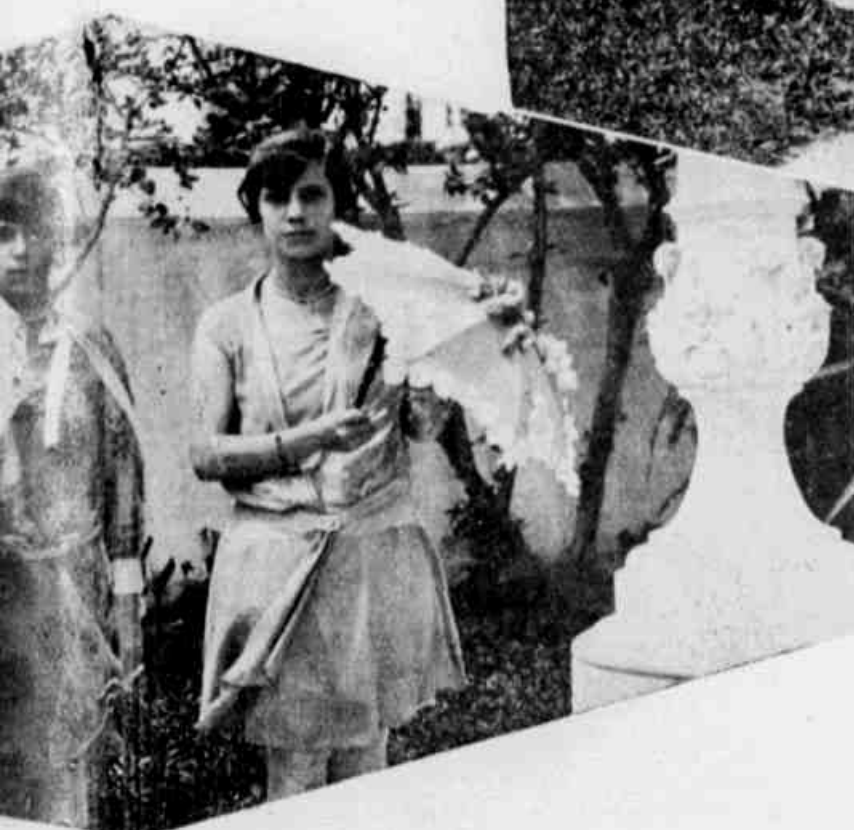
INSTANTANEO
PARADA DE
QUE FOI UM
:::: O PRAIA

FESTA

DAS

SOMBRINHAS

TANEOS DA BELLA
A DE ELEGANCIA
OI UM EXITO PARA
PRAIA CLUB ::::

e Nylsa do Valle. De 2º grão — Lourdes Velloso, Nicia da Silva Porto, Zequinha Martins, senhora Azeredo, senhora Placido Marques, Magdalena Carvalho de Mesquita, Dagmar Costa, Elza Pinto da Rocha e Maria Moraes Rego.

tos Cruz, Laurita Strino Barbosa Lima, Elza Aires de Souza, Luizinha B. Pedreira, Vera Costa, Dagmar Chaves Vanju' Rosendo, Olivia Pinto da Rocha, Annita Tavares, Dagmar Pereira Braga, Georgia Lima, Carmen Limoeiro, Elisa Herz, Dulce Carvalho de Araujo, Isabella M. Teixeira de Mello, Lygia R. Lima, Simone Domingues, Alice Ribeiro, Ruth Pinto da Rocha

Festa de fim de anno no Collegio Santo Ignacio e entrega de premios aos alumnos.

A sala da Sociedade Propagadora de Bellas Artes durante a commemoração do seu 72° anniversario

Primeira Communhão na Matriz do Engenho Novo

Ensaio sobre Musica Brasileira

EU não sei admirar sem querer bem. Mario de Andrade é um dos amigos mais do meu coração por que tudo que elle faz é bom, bom como elle mesmo.

Em 1928 Mario de Andrade publicou a historia de "Macunaíma", o grande livro do Brasil. Foi ha tres mezes. Não ficou lendo o que se escreve no norte, no sul, no centro, no este e no oeste contra e a favor de "Macunaíma". Terminou o "Ensaio sobre Musica Brasileira" que os senhores I. Chiarato & C. de São Paulo editaram e anda já em todas as mãos. Contar o indice diz melhor que palavras inuteis para um homem que é a vaidade da patria nova:

Ensaio sobre Musica Brasileira — Musica Brasileira — Musica Popular e Musica Artistica — Ritmo — Melodia — Polifonia — Instrumentação — Forma. (E' a primeira parte). Na segunda, com as peças commentadas: Exposição de Melodias populares. Musica socialisada: Canto Infantil — Cantos de Trabalho — Danças — Danças Dramaticas — Canto Religioso — Cantigas Militares — Cantigas de Bebidacocos. Musica individual: Estribilhos (solistas ou corais) — Toadas — Martelos, Desafios, Chulas — Lundús e Modinhas — Pregões.

Com o "Ensaio" de Mario de Andrade a gente aprende mais do que com centenas de representações decoradissimas. Elle andou por essas praias, por esses mattos da Santa Cruz pescando, caçando os cantos dos irmãos. Alguns foram ter á casa delle lá na rua Lopes Chaves. O "Ensaio" está ahi. Como ninguem pensava. E ainda ha quem teime que o Brasil foi descoberto em 1500!

Pois se nem havia Brasil como é que elle foi descoberto? Descobrir terra não é vantagem. O resto é que vale. Mario de Andrade descobriu o resto. E não foi por acaso. — **A...**

Collecção

Do "Jornal do Brasil" de 23 de Novembro. Fim de uma noticia sobre a homenagem que as alumnas da Escola Normal prestaram ao professor Barbosa Vianna:

"O professor Barbosa Vianna respondeu agradecendo e mostrando ao mesmo tempo as bellezas da Anatomia".

Senhora Branca C. de Carvalho, violinista brasileira, 1º Premio, medalha de ouro, por unanimidade do Instituto Nacional de Musica. A illustre artista realiza no proximo sabbado, ás 21 horas, o seu primeiro recital publico no salão nobre da casa onde foi laureada. Do programma: Gluck-Kreisler, Dittersdorf-Kreisler, Tomaso Vitali, Mendelssohn, Falk-Kreisler, Paganini, Debussy, Edgardo Guerra, Handel-Thomson.

Photo Nicolas

Na Avenida

Em baixo, senhorita Maria Thereza da Costa Nunes, pianista, que apresentará suas alumnas amanhã, ás 14 horas, no Instituto Nacional de Musica. Um auditorio de élite vae conhecer através das discipulas a intelligencia e o finissimo temperamento de uma das mais cultas professoras cariocas.

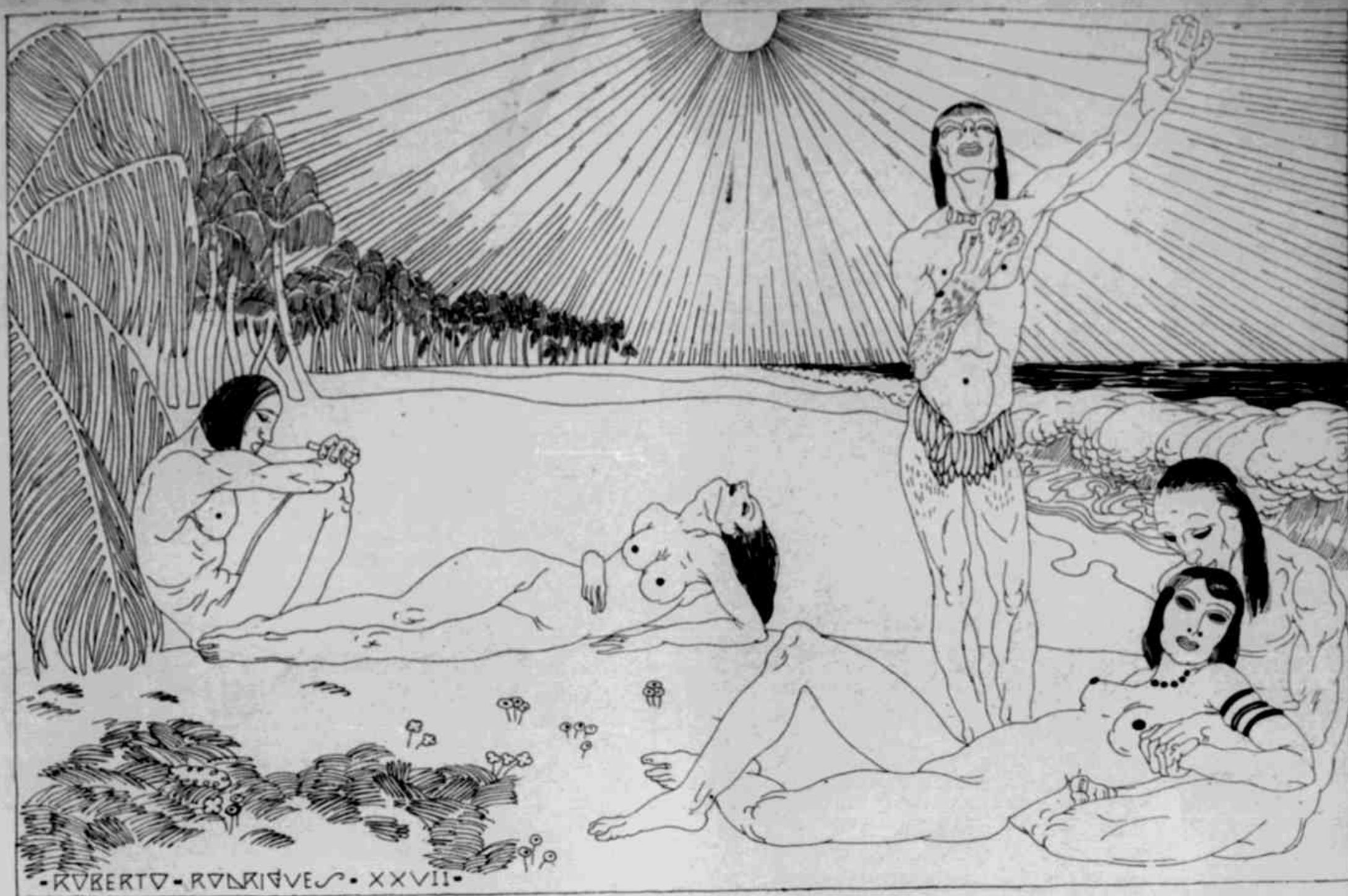
Photo Alberto

Os amigos do escriptor Annibal Machado, professor de litteratura no Gymnasio Pedro II, offereceram-lhe um almoço de alegria pela sua nomeação. Não houve discursos, mas palavras intelligentes de Roberto Lyra, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Annibal Machado.

Saudade

Dizem que a palavra Saudade só existe na lingua portugueza.
Mentira. Nem na portugueza !
Pelo menos, na lingua de uma brasileirinha, que ha muito reside em Portugal, a palavra Saudade não existe.
Foi pra lá numa companhia de circo.
Lá, casou-se.
E de lá só pretende sahir pro outro mundo.
Nem se lembra de cá.
Quando a gente lhe mostra postaes da Guanabara e lhe fala com enthusiasmo do governo do Dr. Washington Luis, ella dá um muchôcho, para dizer depois:
— Tolices !
E as bellezas do Tejo ?
Presidente de Republica só o general Carmona !

LUCIO LATINO

Lançamento da pedra fundamental do novo edificio da Escola Normal. Bençam de D. Sebastião Leme. Presentes o senhor Prefeito Antonio Prado Junior, o Dr. Fernando de Azevedo, director da Instrucção, e o Dr. Carlos Portocarrero, director da Escola.

MEIO - DIA

Meio-Dia.

Hora da sesta.
Quietude.
Neste apparente resonar de tudo, tudo trabalha
Com mais afan.
Ha um regorgitar de vida.
Ha um enthusiasmo fecundo que não arrefece,
Amornando o ambiente.
Ha anseios que parece quererem explodir dentro
[da gente
Como dynamite.
Uma super carga psychica actúa, nesta hora,
Sobre a nossa sensibilidade physica.

Meio-Dia.

O sol, a pino, diz uma óde tropical
A' America.
A America é uma promessa de luz e de frutos
A's trévas e a fome do Mundo.
O sol da America fala á tristeza do Mundo.
O Mundo escuta o sol da America
Como um antigo que escutasse a voz de um
[propheta,
Antes de Christo.
Christo. .
Esse, por certo, não virá mais,
Nem para dizer que não quer mais saber dos
[Homens...

Meio-Dia.

Na apparente quietude de tudo,
No illusorio silencio de tudo
Tudo se faz ouvir,
Tudo fala, grita, gesticula.
Nunca a vida se manifestou com tanta vida,
Nem nunca o relogio da minha exaltação
Marcou hora mais illuminada,
Hora mais tintinabulante,
Hora mais banjo, réco-réco, saxophone,
Hora mais "black-bottom", em summa,
Meu corpo é todo uma "jazz-band"
Em que os musicos todos fossem africanos,
Fossem ibericos
Fossem guaranys.
Tocam um "chôro", com alguns compassos de
["charleston"
Só para responder á óde tropical do sol da
[America.
E o Mundo que ouvira, antes, maravilhado,
O Sol a pino, falando ao Novo Mundo,
Ouve, agora, divinisado,
A musica de um mundo novo
Falando ao Velho Mundo.
Oh, a melodia dessa musica estranha
Que empolga as nacões do universo!
Oh, esses acórdes pódem mais que todos os
[exercitos
Conjugados!
Conquistam melhor do que si fossem esquadras
[poderosas,
Porque pódem pelo espirito,
Porque conquistam pelo coração.

Meio-Dia.

Hora em que tudo parece se concentrar no
[silencio,
Mas que, entretanto, tudo dynamisa.

Meio-Dia.

O Sol, a pino, falou á alma da America.
A musica da America falou á alma do Velho
[Mundo.
E o Velho Mundo, tremulo, mas gentil,
Ergueu a sua taça de champagne
E fez um brinde de honra,
Sob a luz do Meio-Dia:
Brindou o banzo africano,
Brindou a saudade e a "gracia" ibericas,
Brindou a elegante valentia guerreira dos
[guaranys
Apontando, no mappa-mundi,
Para o nome do paiz que enche de ponta a ponta,
[quasi,
A America do Sul, ou a America do Sol.

S A D Y   A R I B A L D Y

Senhorinha
Otilia Oliveira Penteado

DE S. PAULO

Photos Rosen

Senhora
Caio
Prado

Senhora Helena Caldeira

R E N A T O V I A N N A

TARDE = A MARCHA FUNEBRE

Poente.
Espasmo do Sol.
O grande desejo do Meio-Dia expelliu se na saciedade vertiginosa do Crepusculo.
Orgasmo da Côr

*

Poente.
Fogueira da Vida se apagando no Oceano do Mysterio.
Uma braza morta no Horizonte.
Agonia.

*

Poente.
Um labio de fogo apagado por um beijo
Fim do delirio.
Tarde...

*

(Tarde...
Ante-camara do Somno.
Humbral majestoso do Infinito.
Quéda silenciosa do Velario Nocturno.
Fim de Acto).

*

Poente.
Olhar vasio de Moribundo.
Sossobro da Luz.
Naufragio universal do Sol.
Tarde...

*

(Tarde...
Palpebras adormecendo
Na Volupia
da
Sombra...)

Poente.
Agonia da Razão na Camara Mortuaria de um Cerebro.
Mergulho na Morte
Tarde...

*

(Tarde...
Adeus ao longe da Mulher que se amou.
Da Mulher que se amou e que se foi embóra
do nosso Desejo...)

*

Poente.
Extrema-Uncção do Dia.
Dedos pallidos de Irmans de Caridade fechando cilios em camas de Hospital.
Tarde...

*

(Tarde...
ultimo sopro na Véla...

*

Poente.
O Balão de S. João
caiu no mar.
Tarde...

*

(Tarde...
O Balão de S. João
uma grande Bola
de Sabão...)

Poente.
O Cortêjo chegou no Cemiterio.
E o Sino da Porta escreveu no Espaço mais uma reticencia.
Tarde...

*

(Tarde...
Na grande Cidade da Vida
ha mais uma Casa
para alugar...
O Inquilino mudou-se para a Outra Cidade)

*

Poente.
Um grito de angustia fugindo de uma Alma
Em vão.
Uma Lagrima supurando
num Coração.
Tarde...

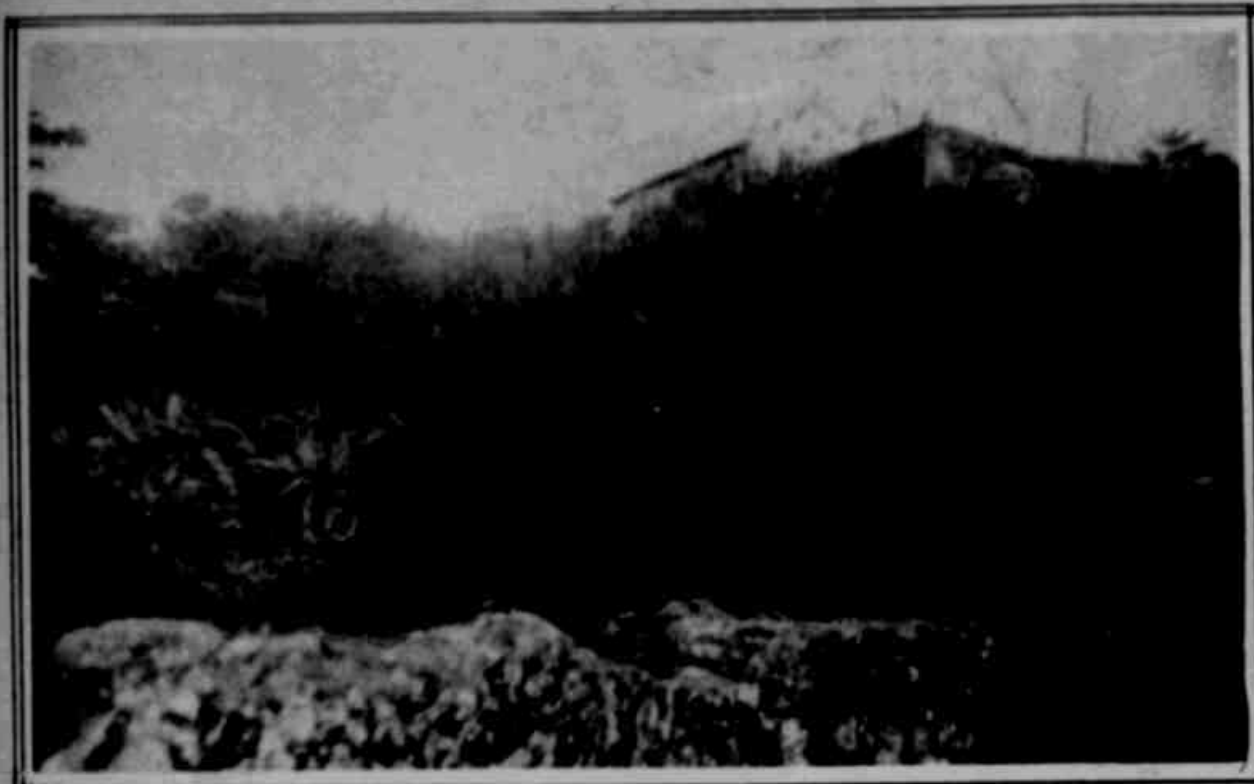
*

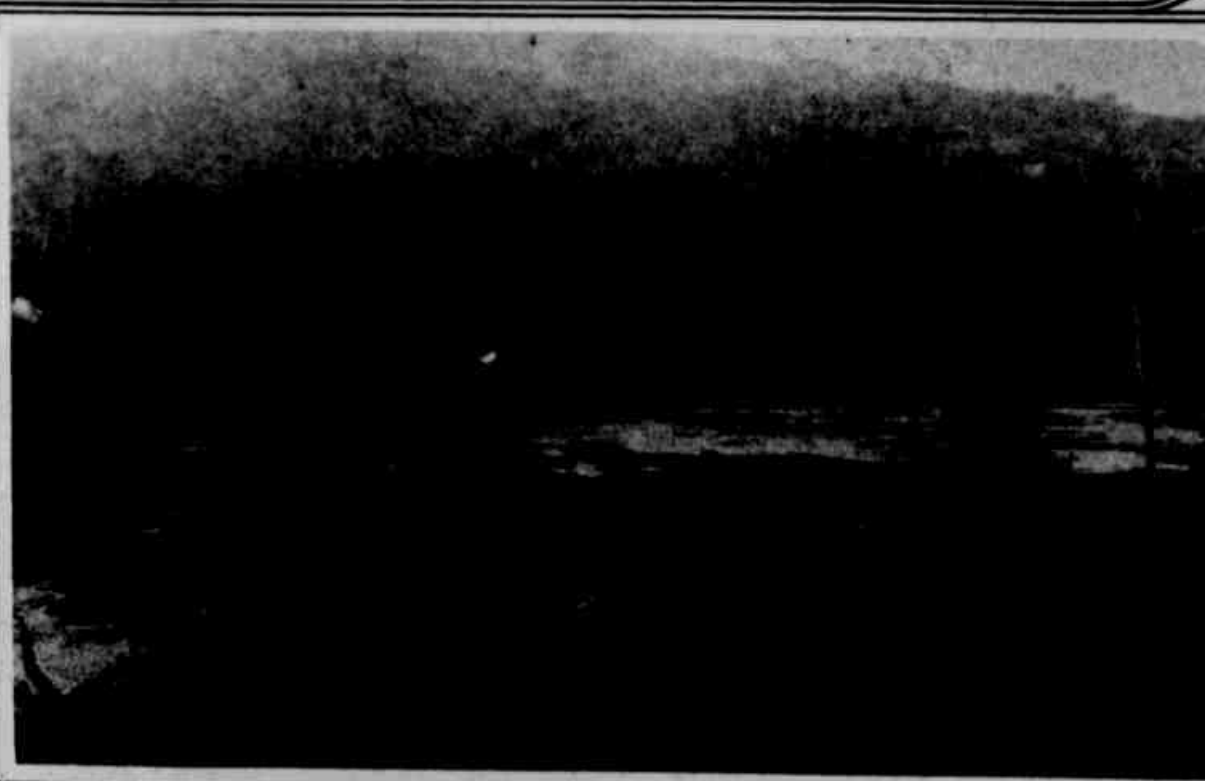
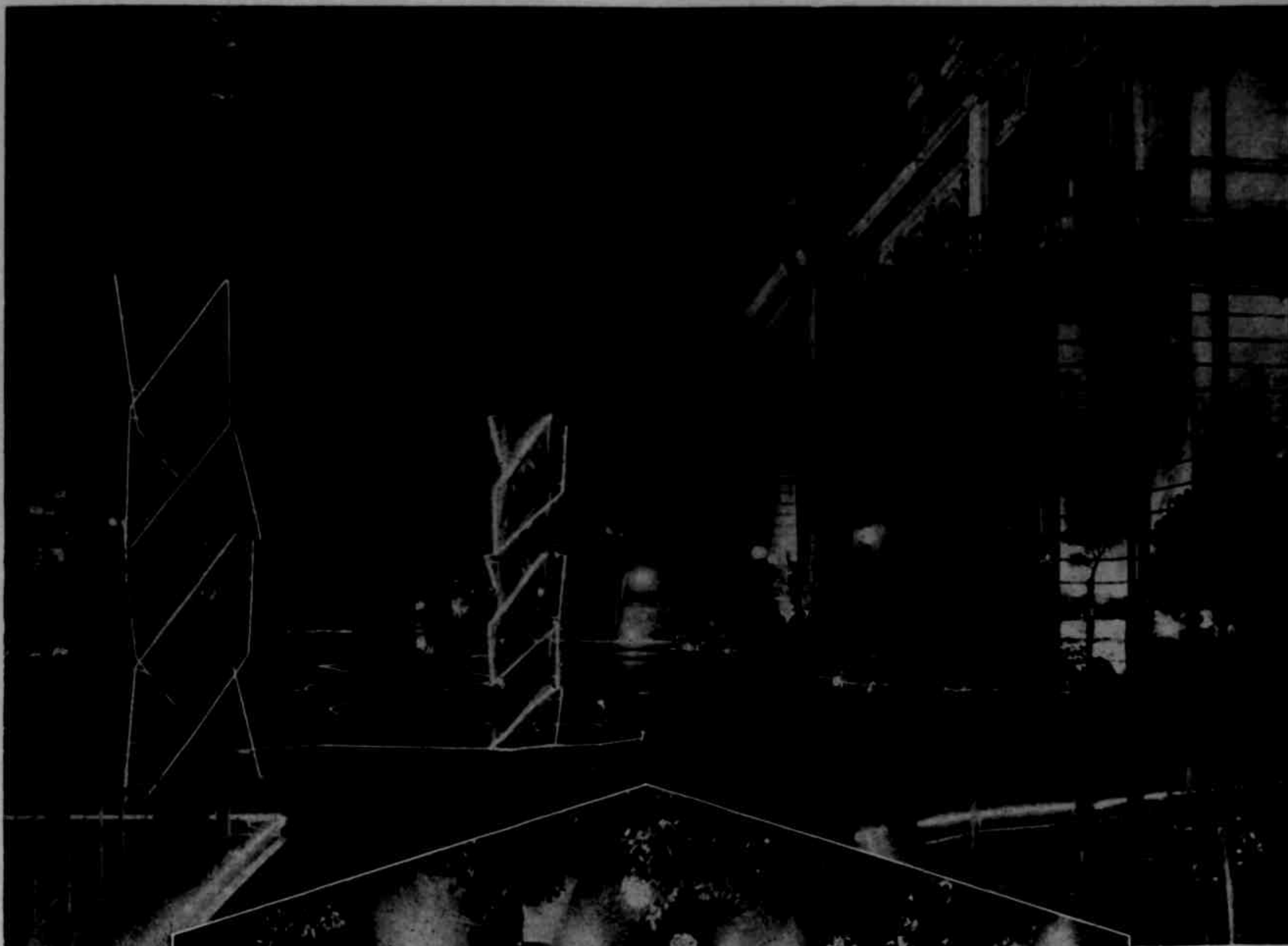
(Tarde...
E a vagina dos Sete-Palmos
do Ventre da Terra Majestosa,
abre-se voluptuosa
para a Fecundação.)

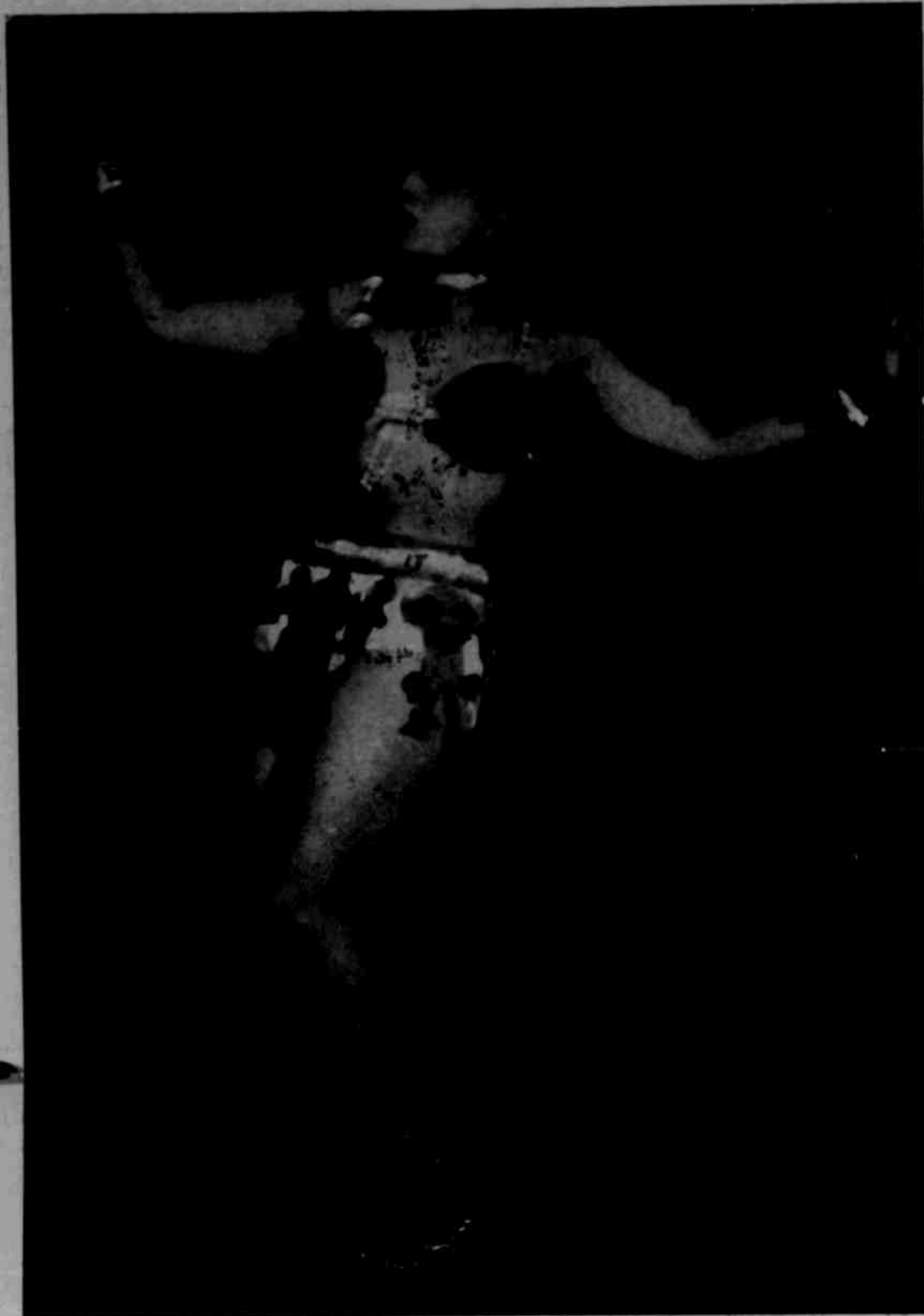
*

E a Tarde
arde
no pavio do
Poente...

Estado de São Paulo

O VELHO CONVENTO DE ITANHAEM FUNDADO POR ANCHIETA.

UMA VISTA DA CAPITAL ARTISTICA DO BRASIL TOMADA DA BOCCA DO CHA'.

NA ESTRADA DE ITU', UM TRECHO DO RIO TIETE'.

A festa da Republica em São Paulo

O Palacio dos Campos Elyseos e o parque illuminados por Mac Ltda em 15 de Novembro

Baby Daniel
E' italiana. Artista de opereta. Está em São Paulo.

V a i d a d e . . .

Raul Roulien ganhava, no interessante conjuncto que a intelligencia e conhecimento das cousas de theatro de Oduvaldo Vianna formou, salario que nunca artista brasileiro algum conseguira. Não escondia, desde São Paulo, que não estava satisfeito, e acabou por se desligar do elenco, sem razão maior do que descabida pretensão de salario mais avultado ainda.

Raul Roulien, brasileiro de origem, foi viver para Buenos Aires, por lá se ficou muitos annos, aprendeu a falar castelhano e a cantar tangos. Metteu-se na vida de theatro e logrou relativo successo. Quando a Metro-Goldwyn quiz, ha dois annos, impôr ao publico carioca o Theatro Casino como cinema, procurou uma grande attracção e mandou vir, de Buenos Aires, Raul Roulien, á frente de uma "troupe" de "girls". Está fresca na memoria de todos a decepção... Raul Roulien não agradou, e depois de ter ali fracassado, apezar da suggestão violenta da reclame desenvolvida, fracassou no Rialto e fracassou no Odeon...

Quando aqui se soube que Oduvaldo Vianna, organisando sua companhia de sainetes, punha á frente da mesma Abigail Maia e Raul Roulien, a surpresa foi grande, e não faltaram máos prognosticos. A temporada alcançou exito sem precedentes, a critica elogiava Roulien, pessoas que iam a São Paulo confirmavam a opinião da critica... Nós, que o haviamos visto e apreciado aqui, não acreditavamos na transformação. O publico de São Paulo era differente do do Rio... Estréa, agora, Roulien. Pasmamo-nos. Oduvaldo-ensaiador realisara o milagre! Mas Roulien descobriu que era um genio... Não lhe bastavam dez ou doze contos por mez! Estava sendo lesado... e vae organisar companhia por conta propria!

Iracema de Alencar, por motivos semelhantes nunca ascendeu, no theatro nacional, á situação que o seu merito lhe assegurava. Lembram-se todos de como abandonou a Companhia Jayme Costa, poucos dias antes da estréa, quando foi da inauguração do Theatro Casino. Nunca mais fez nada, nunca mais foi nada. Contenta-se, satisfeito, o tolo accesso de vaidade, em mambembar pelo interior. E' o que vae acontecer a Raul Roulien, e, emquanto a falta de senso prejudica essa pobre gente e o theatro, que falta vem fazendo á Lei Getulio Vargas, que o Ministro do Interior tanto retarda!

MARIO NUNES

■

Estava em scena no Phenix uma revista apresentada pela companhia Norka Rouskaya.

— Que tal a peça? — perguntou Brutus Pedreira a Luiz Peixoto.

— Nem melhor nem peor do que as outras. Mas não agrada ao publico.

— Por que?

— Porque não ha publico.

■

Jayme Costa é dos nossos actores-emprezarios o unico que tem vontade de acertar. A sua companhia tem o elenco melhor. O seu repertorio não se fécha apenas na fabrica de gargalhadas. Jayme Costa não acredita em Jayme Silva. Isto já seria uma grande qualidade. Falta junto de Jayme Costa um esclarecedor. E' só o que falta.

■

Berta Singerman fazia um grande successo no Palacio quando o Recreio tinha no cartaz uma revista que não dava nada. Contaram ao senhor Neves o successo de Berta Singerman, as enchentes do Phenix. E elle:

— Essa typa não quererá vir fazer umas cortinas aqui?

O amor que fica

por

Brasil Gerson

TINHA um aspecto sombrio de socio-gerente de casa funeraria, os olhos saltados, um bigode mal aparado, umas roupas pretas, uns ares tristes. Mas no fundo era poeta, e cantava nos versos alegres os olhos e a bocca da mulher. Tinha a volupia dos olhos, a fascinação da bocca pequenina, bem feita, muito vermelha.

Numa conversa de café, emquanto a pianista tocava "Ramona num piano sem pedaes, e os marinheiros do cargueiro inglez recordavam a sua ultima aventura de amor num porto distante da Argentina, o homem do bigode mal aparado ia escutando a melodia e pensando no sonho de amor que tambem teve, e que ainda tinha.

Toda gente póde não acreditar no que dizem as ciganas que adivinham o futuro. Mas o que ellas dizem sempre fica guardado na lembrança. A gente não acredita, mas fica com medo de não acreditar. E se fosse verdade? O destino tem os seus mysterios, e o destino é uma coisa que apavora.

As ciganas disseram que o homem do bigode mal aparado nascera para o amor. Havia de ter muitos amores. Havia de amar um dia a mulher completa, uma dessas mulheres que espalham desejos loucos quando passam.

Tinham passado seis pelos seus olhos e pela sua bocca. Lembrava-se de todas ellas. Uma tinha o nariz arrebitado. Era meiga e sentimental. Outra era hespanhola e ardente. Duas eram baixas e magras. Uma alta e loura. A ultima era morena e esguia. Tinha uns olhos, uma maneira de andar... Como elle se recordava daquelles olhos...

O unico amor verdadeiro — dizia o philosopho — é o primeiro que a gente sente. Os outros não chegam a ser amor. O primeiro é o que fica.

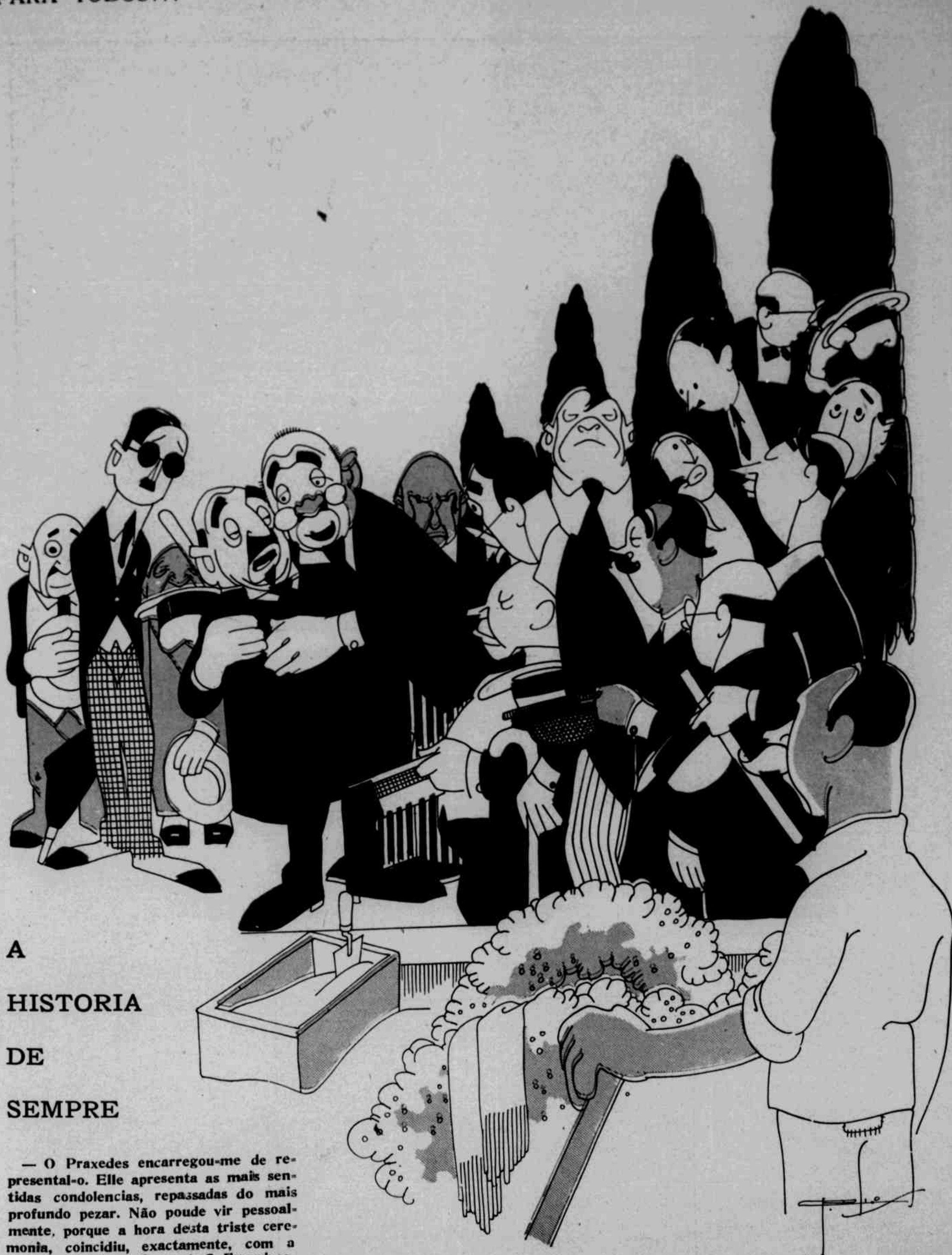
Elle estava disposto a não concordar. Tivera tantos: meia duzia. E não se lembrava mais do primeiro, que o segundo matou. Emquanto a pianista tocava "Ramona", a valsa que ella dansava, elle estava se lembrando do seu ultimo amor, daquella morena esguia que fugiu uma noite com o homem do "bandonéon"...

Alda Garrido, do Theatro Recreio, onde está fazendo um bruto successo na revista de Geysa Boscoli e Luis Carlos Junior: "Palacio das Aguias".

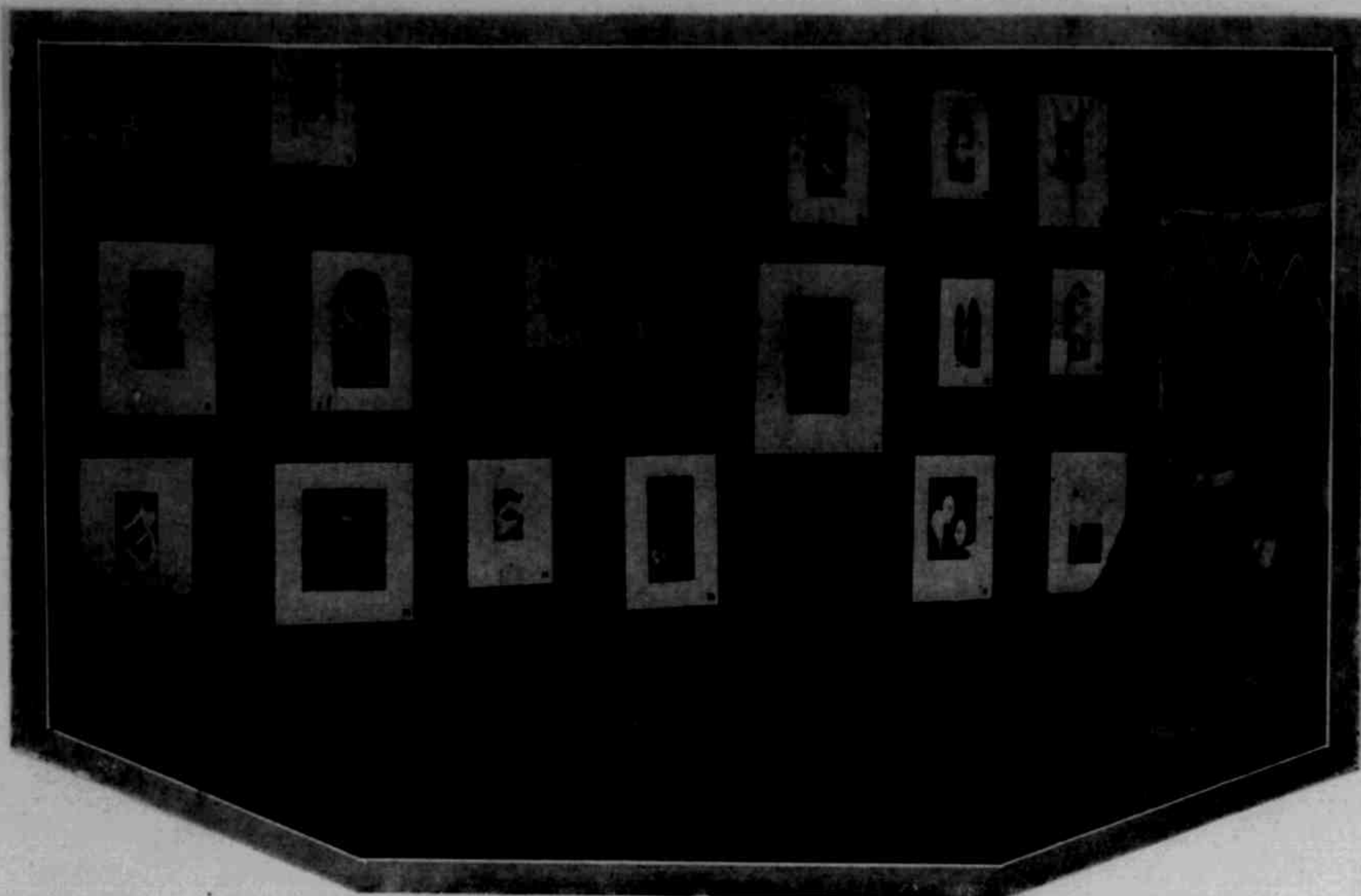
A Sé da Bahia

Querem demolir a Sé da Bahia. Mas a gente maior da terra onde nasceu o Brasil não deixa. Um protesto assignadissimo corre a cidade. São desse protesto estas palavras: "Não sabemos porque a Cidade do Salvador tem sido a victima preferida para a espoliação de seus thesouros de mais alto preço e maior estima. A capella particular dos Jesuitas, construida em 1552 — "uma joia architectonica", "encanto e admiração" para quantos a visitavam, foi devorada pelo incendio que consumiu a Escola de Medicina, de cujo edificio fazia parte, ao mesmo tempo que reduzia a c i n z a s a preciosissima Bibliotheca da Faculdade. Como esta desappareceram a Bibliotheca Publica e a do Instituto Geographico e H i s t o r i c o da Bahia, perdendo-se para sempre, collecções preciosas, livros raros, memorias e manuscriptos insubstituiveis. Do nosso Archivo sahiram documentos originaes do maior valor, para enriquecer o do Rio de Janeiro, sem que qualquer compensação tenha sido offerecida. A pretexto de melhoramentos de uma rua, arrazou-se a igreja da Ajuda, onde muitas vezes se ouviu a prodigiosa palavra do padre Antonio Vieira, e que não poderá jámais ser esquecida, quando se estudar a luta dos hollandezes nas plagas bahianas. Querem juntar a tantas calamidades a demolição da Sé que, sem respeito á lição da historia, chamam de *trambolho*, de obstaculo ao progresso da Bahia, e, menosprezo á Religião, comparam a um riacho sem asseio, que reclama os cuidados da Saude Publica. Na restauração, ou nos melhoramentos de nossos templos, têm-se retirado, quando não de todo, ao menos em bôa parte, preciosos azulejos, muitos polychromos, representando passagens das escripturas, scenas da vida dos Santos ou lembrando beneficios recebidos pelos que os offertavam. E tudo isto se tem feito sem reclamação, com indifferença, com essa triste indifferença, que acompanhou a retirada das preciosidades do Convento de Santo Antonio do Paraguassú para outras paragens onde se conservam com zelo e carinho. Entretanto, São Paulo, que está á frente do Progresso do paiz, pela sua riqueza, por sua preponderancia politica e pela sua cultura, São Paulo não consentiu que desapparecesse a pequena igreja de S. Miguel Archanjo, construida pelos Jesuitas em 1662, guardando com desvelo a estante do missal, imagens toscas, algumas de barro, para que concorreram os indios, auxiliares dos Jesuitas. O exmo. sr. dr. governador do Estado em sua *Plataforma*, lida por occasião do banquete, que lhe foi offerecido pelas classes conservadoras, disse de modo incisivo e com a solemnidade imposta pelo momento: "Inspirados nessa idéa, não devemos abandonar a nossa velha e querida cidade ás suas proprias forças... Remodelemos, sim, a gloriosa Cidade do Salvador. Mas previnamo-nos contra os iconoclastas do urbanismo inconsciente. Reajamos contra o despeito á feição tradicional da nossa *urbs*, que é, o seu encanto, que é o que ella possue de differente das outras, que é, pois, o que lhe póde attrahir a attenção de outras gentes cansadas de ver em toda parte a architectura de arremedo, mal copiada da arte exotica. Temos, felizmente, por onde se estenda a cidade nova, com o aspecto berrante das novidades. Respeitemos, pois, a cidade da Historia — a do districto da Sé, pelo menos — dando-lhe, porém, a luz que lhe falta, a pavimentação que não tem, a hygiene de que carece". Ora, que haverá no districto da Sé, que mais se imponha aos que sabem respeitar as reliquias do passado, os monumentos da tradição, que a secular igreja, que lhe deu o nome? E por que tanta sanha contra o vetusto tempo, o templo mais antigo do Brasil, senão de toda a America do Sul? Será por que a destruição da Sé importe na claridade, na luz, a que se refere a *Plataforma?* Ninguem de bôa fé poderá affirmal-o. Tal é a desabrida linguagem, a desmedida impaciencia, dos que reclamam a demolição da Sé, que, se não é o odio que os anima, o asco que lhes causam as paredes denegridas do templo, não se póde attribuir a impulso de patriotismo a campanha levantada na imprensa. Eis porque entendemos necessario este protesto. E' a palavra da grande maioria da população que, se não conta na imprensa orgãos que lhe traduzam a opinião e a vontade, não se acha entretanto, insulada. Em todo o paiz, nos centros de mais brilhante cultura, tem écoado, como um dobre funereo, aos ouvidos de homens laureados nas letras e animados pelo amor da patria, a noticia da projectada demolição da Sé. Muitas vezes, manifesta-se o progresso, não por uma vertiginosa marcha para a frente, levando de roldão quando se lhe antolha, mas por uma respeitosa e conscienciosa parada junto a uma gloriosa reliquia do preterito. Destruir um monumento, o mais notavel do Brasil colonial, para alargar uma praça, póde ser tudo menos a obra de um bem entendido progresso. Protestamos contra semelhante projecto, que se nos afigura ao mesmo tempo como o olvido ingrato dos trabalhos dos primeiros obreiros de nossa civilização, á luz do Evangelho, e um desamoroso repudio de nossas tradições, o rasgamento de uma pagina viva da nossa Historia, a falar atravéz dessas paredes negras, por suas monumentaes portadas seculares, por seus altares de uma arte severa e sobria, pela pintura de seus retabulos, pelos sagrados tumulos dos seus grandes prelados.

CIDADE DO SALVADOR

(Duma gruvura antiga)

A HISTORIA DE SEMPRE

— O Praxedes encarregou-me de represental-o. Elle apresenta as mais sentidas condolencias, repassadas do mais profundo pezar. Não poude vir pessoalmente, porque a hora desta triste ceremonia, coincidiu, exactamente, com a hora do pic-nic no Sacco de S. Francisco.

(Desenho de J. Carlos)

O artista na sua exposição em Porto Alegre

Sotéro Cósme

THEODEMIRO TOSTES

Um demonio accendeu dois lumesinhos de malicia nos olhos pretos delle. Mas, olhando no fundo, ha ingenuidade de gury pequeno e uma bondade meio triste, porque não sabe apparecer.

Os dois olhos garotos, a linha do nariz que desce recta, o labio inferior avançando num "que me importa!" despreoccupado, dariam de Sotéro uma caricatura breve, á sua maneira, si a palavra fosse expressiva e synthetica como o lapis delle.

Só uma vez na vida vi Sotéro atrapalhado. Foi quando um jornalista, que o pretendeu entrevistar, perguntou-lhe o que pensava de sua arte.

Ele não disse nada.

E estava certo.

Porque da arte e da mulher bonita a gente nada pensa: gosta.

Gosta assim, simplesmente, com cinco letras, sem pensar.

Para pensar: a morte, a vida, o dia de amanhã, o fim do mez...

Todas as coisas irritantes que não falam ao nosso gosto humano de gostar.

Eu, por exemplo, não penso nada de Sotéro.

Por isto mesmo gosto delle, das figuras sensacionaes que o seu lapis inventa: aquellas creaturas longas e perversas, com grandes olhos de cocainomana e mãos finas.

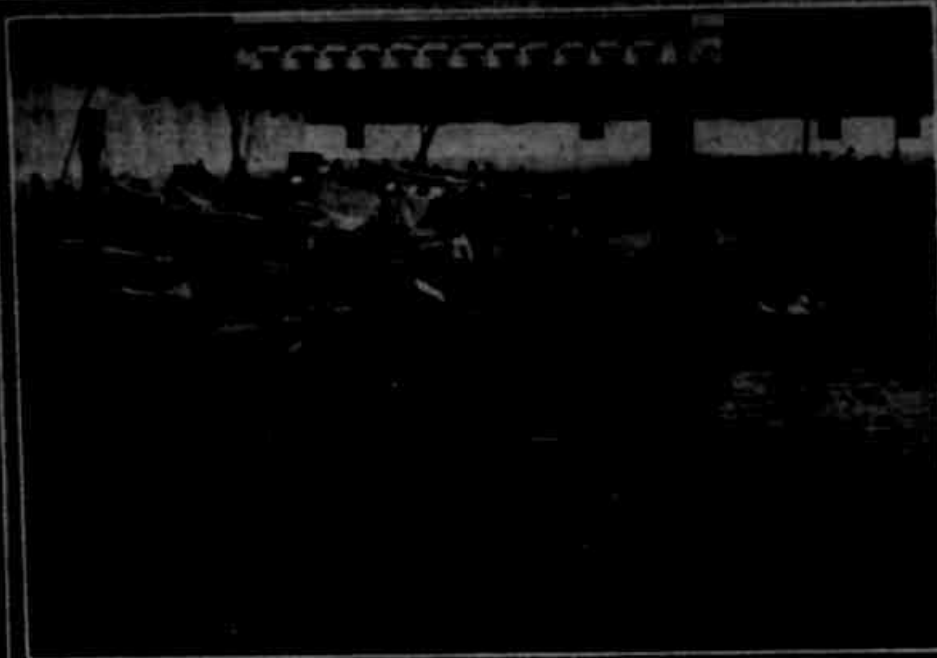
■

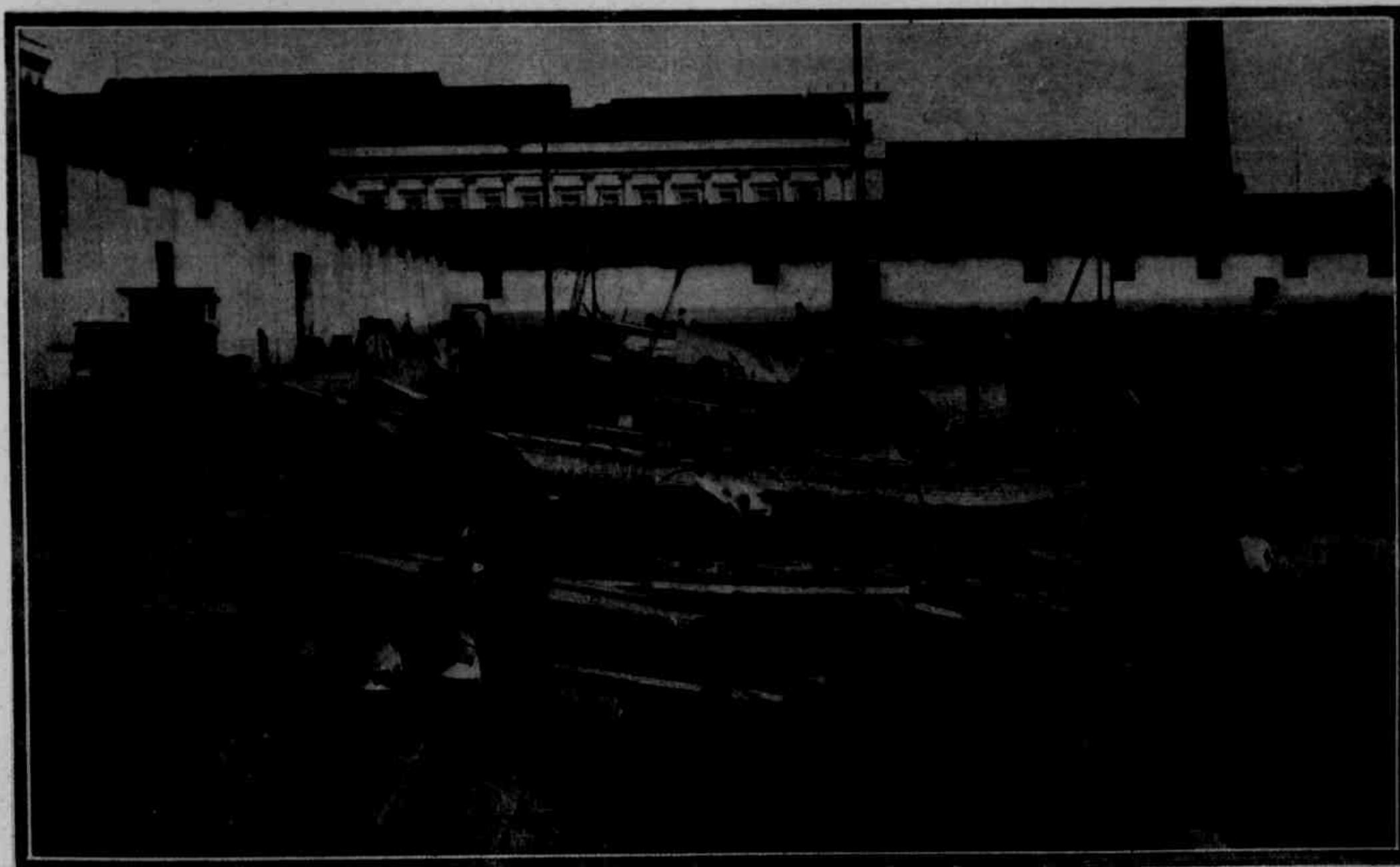
Mas tudo isto, afinal, a proposito de que?

Da sua exposição de desenhos, que foi a coisa mais bonita deste inverno em Porto Alegre.

Sentados: João Sant'Anna e Paulo de Gouvêa. Em pé: André Carrazzoni, J. M. Cavalcanti, Theodemiro Tostes, Augusto Meyer e Sotéro Cosme.

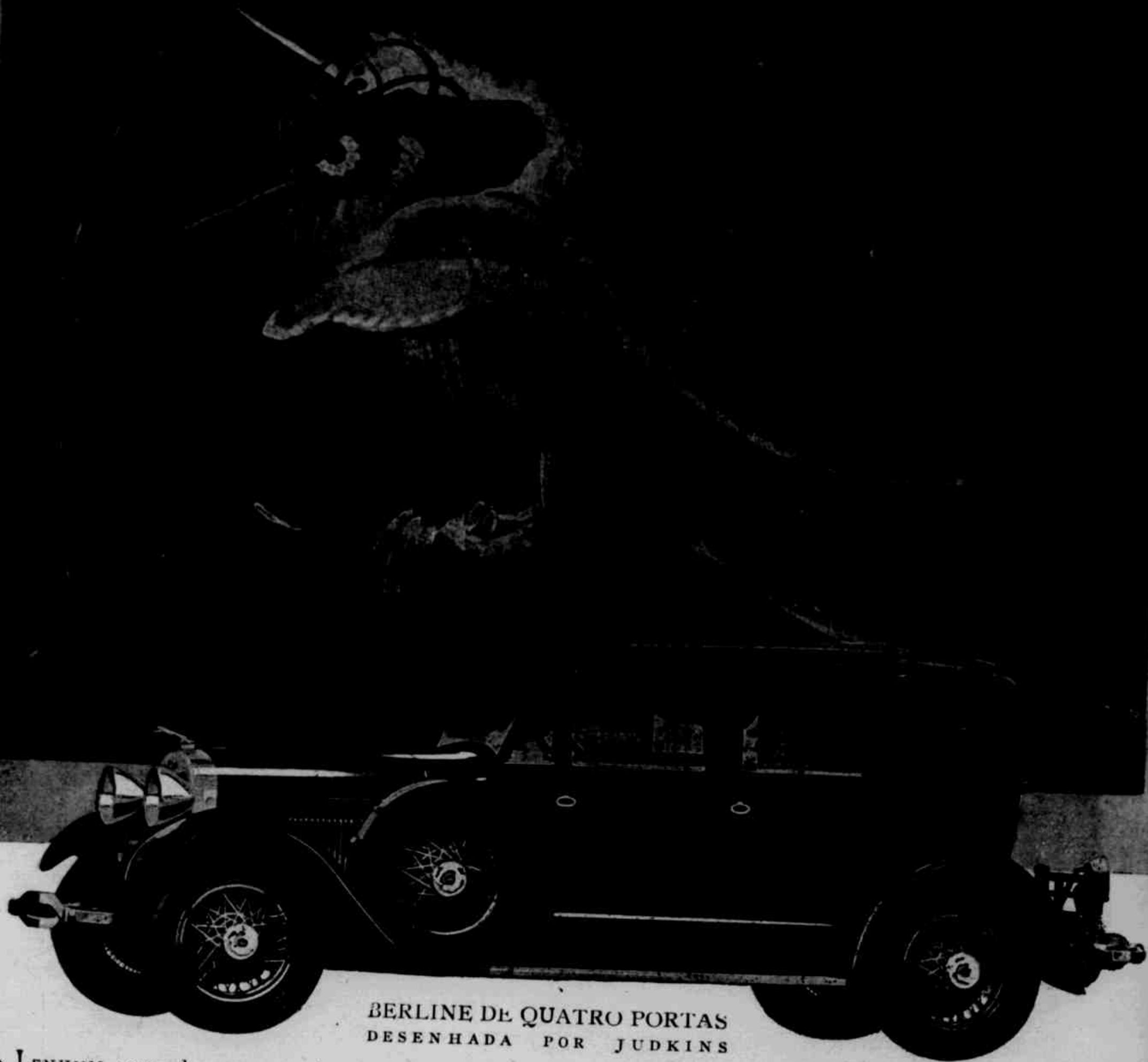
A VOLTA DA PESCA NO VELHO MERCADO

NO CAES DO MERCADO NOVO PELA MANHÃ

TERRA CARIOCA

PHOTOS DE A. MATTOS

Homenagem á Marinha de Guerra em Lisboa. O senhor Presidente da Republica, membros do Governo e altos funccionarios civis e mitares dirigem-se para a tribuna afim de assistirem ao desfile das forças de terra e mar.

Um batalhão da Marinha de Guerra lusitana formada em parada na capital da Republica.

O Presidente Carmona abraça o official porta-bandeira depois de condecoral-a com a Cruz de Guerra.

De Portugal

BERLINE DE QUATRO PORTAS
DESENHADA POR JUDKINS

NENHUM carro Lincoln proprio para ser guiado, indistinctamente pelo "chauffeur" ou pelo proprietario, é tão popular como esta elegante e finissima berline de quatro portas, desenhada por Judkins. Conhecida como carro de quatro passageiros, é excepcionalmente ampla, com assentos largos e muito macios. Um assento supplementar figura ao lado, dobrando-se compactamente, de sorte a não impedir a passagem. Quando o conductor é o "chauffeur", o assento posterior acha-se separado do anterior por uma divisão de vidro. Todavia, quando é o proprietario que se acha na direcção, a divisão de vidro póde ser baixada completamente e com facilidade, tornando-se o carro um perfeito sedan. Concorre, tambem, para manter tal apparencia, a construcção especial da divisão de vidro, cuja armação lateral foi reduzida ao minimo tamanho possivel.

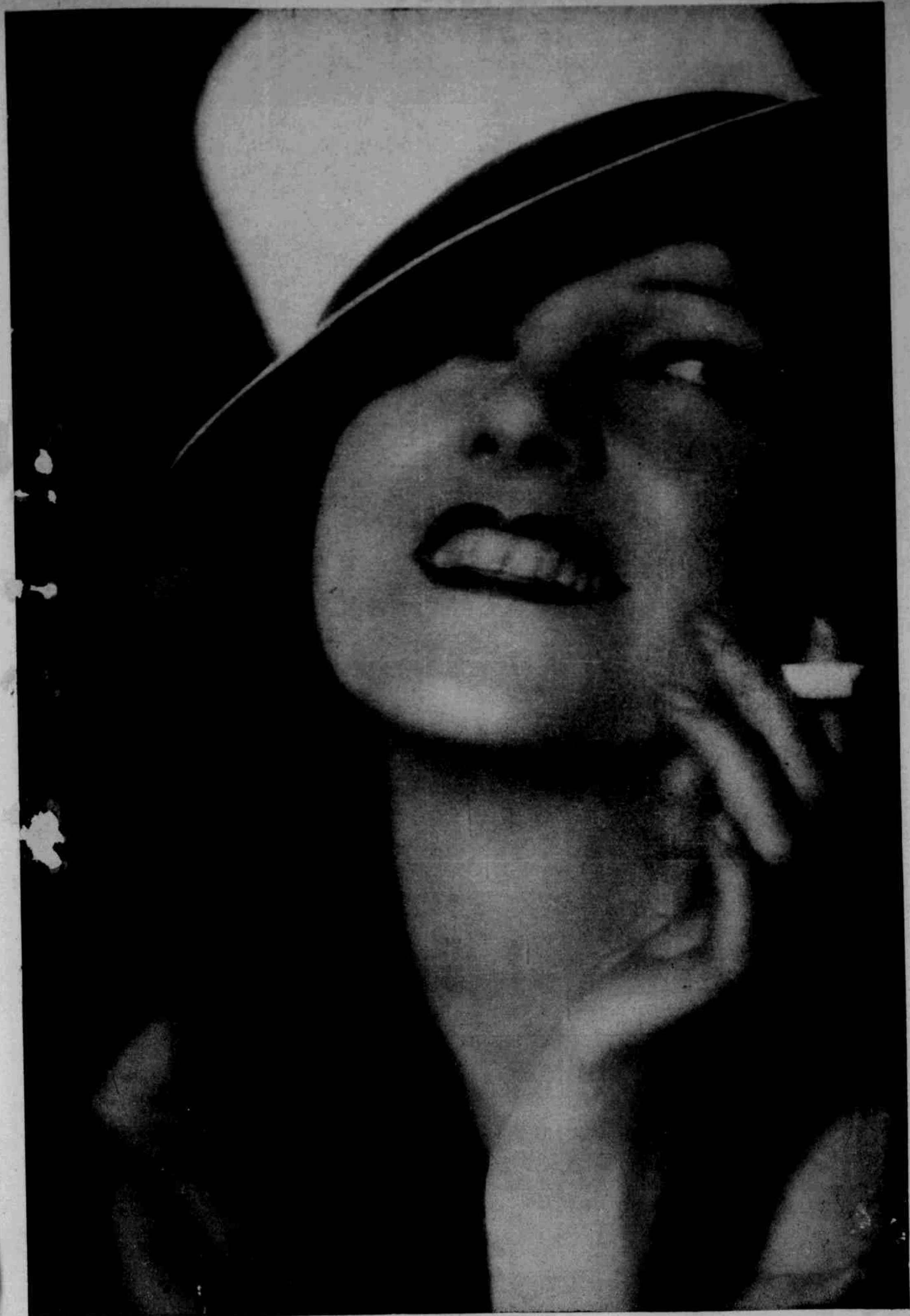
LINCOLN MOTOR COMPANY

DIVISÃO DA FORD MOTOR COMPANY

RIO DE JANEIRO PORTO ALEGRE RECIFE SÃO PAULO

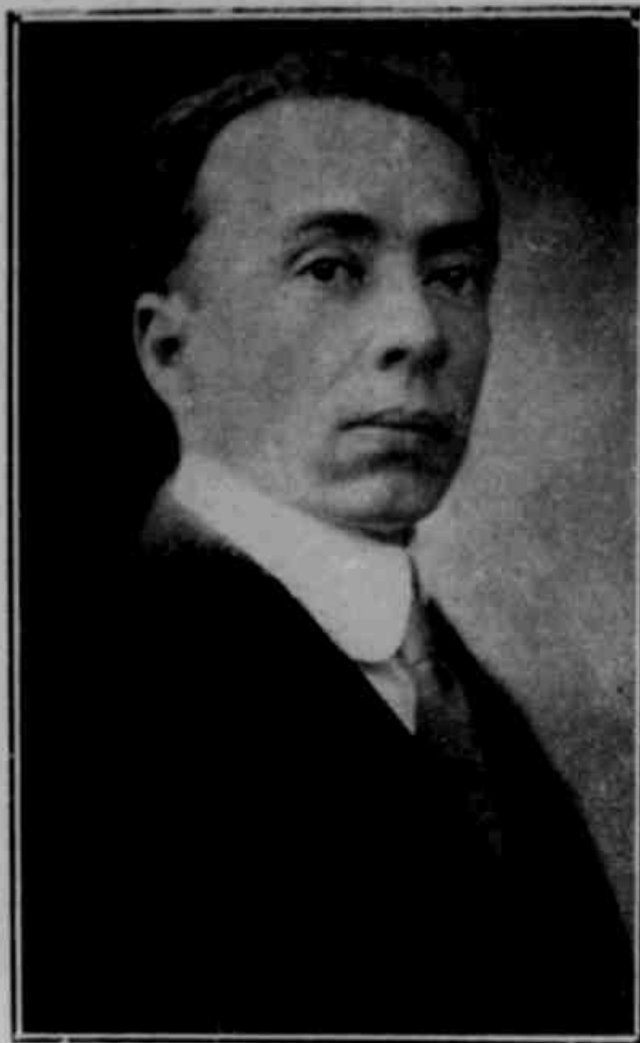
Nas saccadas do Praia Club

QUANDO FOI A FESTA DAS SOMBRINHAS EM COPACABANA

Instantaneos nos salões do Praia Club

L i a   T o r á

De Elegancia

De volta da experiencia de uma baratinha Whipet — querem ver que eu acabo comprando um automovel! — encontrei Domingos Magarinos á esquina de Gonçalves Dias. Poeta, escriptor, literato, não me escaparia a opinião delle para esta pagina. Assim é que, ali mesmo, na rua, lhe pedi um "interview" sobre a moda.

— A moda?! Falar-lhe da moda?! Dessa coisa vária, instavel, inconstante como a nuvem e a mulher?! — disse-me elle.

DOMINGOS MAGARINOS

— A moda, sim. E por que não?

— A moda é um "caso sério"!... Alguem, que presumia entender do assumpto, dogmatizou que a moda revela uma época. Não vae exigir que me transfigure em philosopho para pontificar sobre essas revelações.

— Não. Não quero tanto. Peço, apenas, uma opinião por ligeira que seja. Como vê, a minha modestia... Mas a moda...

— Leopardi fraternizou-a com a morte. "Não nascemos da caducidade", pergunta á classica tyranna a outra não menos tyranna, no celebre dialogo que o poeta philosopho nos legou. "Nossa essencia commum é renovar o mundo", diz ainda a despota inexoravel. Mas de que moda lhe devo falar? Da masculina? Da feminina?

— Tem o direito da escolha, o que nem sempre acontece.

— Prefiro falar da moda feminina. Da masculina direi, apenas, como o bello, o "fashionable" Brummell: "o verdadeiro elegante não se faz notado". Ou, mais objectivamente, não usa calças largas, "veston" curto e roupas "bois de rose" ou "bleu natier". Tem, com certeza, noção do ridiculo. Não direi o mesmo da moda feminina que, para mim, é a propria mulher, isto é, vaidade, capricho, fantasia, exigencia, dissipação...

Dizem que a moda é tyranna... Tyranna é a mulher. A mulher é quem faz a moda. Quando dispõe de uma linda peliça ou de um caro e luxuoso "manteau" tirita de frio em pleno verão; quando não possue nenhum desses agasalhos transpira de calor em pleno inverno. Foi o que referiu conhecido poeta:

"Tyranna é a mulher que, deste geito,
das modas adoptando as moderna,
nunca deixa entrever um só defeito!"

— Bravo! Não suppuz que se enthusiasmasse tanto!

— A mulher e a moda ! Fausto e Mephistopheles !... Fausto a procurar o elixir de longa vida !... Fausto a vender a propria alma por um pouco de "illusão da mocidade" !...

— Actual, muito actual seria: Voronoff e... alguem "a procurar um pouco de "illusão da mocidade"... de vida... Mas que é a vida ?...

— Perdão ! A vida, como a propria moda, no momento que atravessamos, é um reflexo das "notas". Sem dinheiro nem ao menos poderia exigir, como é costume em certas ilhas do Pacifico, que as mulheres — Evas no Paraizo ! — ao menos se pintem de azul.

Passa, no momento, a mais expressiva incarnação da moda, a melindrosa. Seguimol-a com o olhar. Sorri, trocista, a physionomia de Domingos Magarinos, emquanto elle murmura:

— Os exaggeros da moda feminina ! Decotes... saias curtas... Que direi eu? Nada. A moral a proposito de moda é um triste prenuncio de velhice. Se faz muita questão direi sómente: o frio e o pudor vestem o homem; a moda — a moda exclusivamente ! — veste a mulher. Terminando peço licença para recitar um soneta escripto com a ingenua intenção de fazer humorismo:

Em nome da moral, toda exaltada,
d. Andreza gemia com vehemencia:
— A mulher póde ser emancipada,
sem chegar aos extremos da indecencia!

A moda, diz num tom de conferencia,
o bom senso levou de uma assentada;
na sua escandalosa irreverencia,
não respeita o pudor, o frio — nada !

Além da transparencia dos tecidos,
a mulher de hoje em dia, essa deidade,
usa, apenas, um terço dos vestidos !

Reparo em d. Andreza e, com piedade,
reconheço a razão dos seus gemidos;
era mais feia que a necessidade !

■

Illustram esta pagina alguns modelos de vestidos de "soirée". Todos obedecem á nova feição da moda, e do "mouvement plongeant". A musselina presta-se aos babados, muito mais que outra especie de panno.

O côrte das blusas accentúa a tendencia para o estylo princeza.

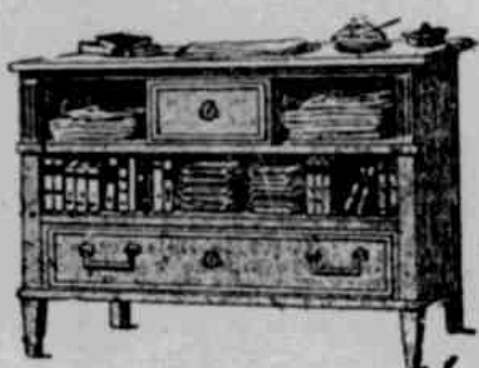
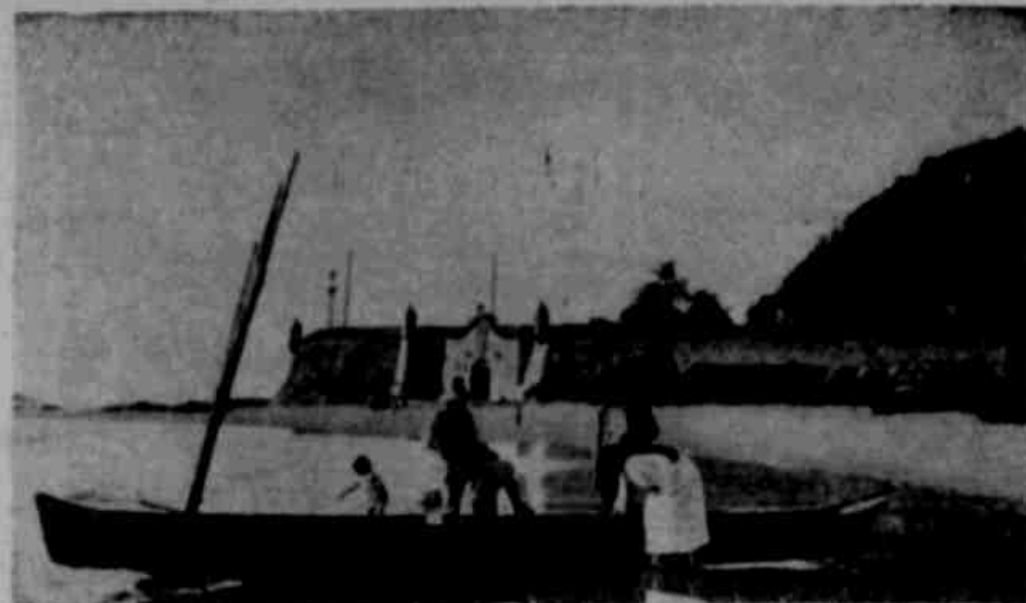
Tambem aqui figuram desenhos de commodas antigas transformadas em moveis do gosto moderno.

■

A mais elegante frequencia da semana: na Casa Machado, onde as rendas requintam de variedade e gosto.

■

Tecidos primorosos: os da "Notre Dame"

SORCIÈRE

Fortaleza antiga na Ilha do Mel, Paraná

GAUCHO

A MAIS FAMOSA JOIA DA COROA DA RUSSIA

...era o diamante "Orloff", assim chamado porque fôra offerecido á imperatriz Catharina por seu celebre favorito. Diz-se que o soberbo diamante, e outro igualmente conhecido em todo o mundo, o "Ko-hi-noor", que pertence á Corôa Britannica, formavam os olhos do leão de ouro que havia diante do throno do Grão Mogol, em Delhi, a antiga cidade da India. O conde Orloff viu-o em uma de suas viagens e comprou-o por dois milhões e meio. O diamante "Orloff", embora muito menor que o "Cullinan", do rei de Inglaterra, é de uma belleza sem igual. Pesa 194 kilates e tres quartos, e está avaliado em 50 milhões. Está ligada a essa soberba pedra preciosa uma tragica historia: a da princeza Tarakhanoff, que era descendente de Pedro, "o Grande", e que, segundo muitos, teria mais direito ao throno da Russia que Catharina. A imperatriz Catharina enviou seu favorito á Italia, onde vivia então a princeza, para procurar um meio de "supprimir" a possivel rival, ou pelo menos de tornal-a inoffensiva. O conde Orloff era um habilissimo e irresistivel seductor, e soube apaixonar a princeza, á qual fez crer que luctaria sem treguas até sental-a no throno. Segundo um historiador, Orloff levara comsigo o famoso diamante, que foi talvez o mais poderoso auxiliar de seu triumpho. A princeza deixou-se illudir e consentiu em casar com o favorito de Catharina. Os novos esposos embarcaram em Livorno em um navio russo, e... desde aquelle momento, a infortunada princeza foi prisioneira da imperatriz, e assim continuou até que "desappareceu" em uma cella do castello Schluesselburg.

A cidade de Lambary, em Minas Geraes

METHODO DE CORTE PRATICO

Pela Escola e Córte e Costura Santa Ignez, de S. Paulo, nos foi offerecido um exemplar do seu Methodo de Córte Pratico.

O referido methodo está acompanhado de todos os moldes correspondentes aos modelos nelle contidos e cortados em tamanho natural e nas medidas indicadas nos desenhos.

Desta maneira, á medida que se lê a explicação de cada modelo, deve-se ir acompanhando no desenho que se acha ao lado e no molde, para se ter perfeita idéa do trabalho.

Entre os methodos existentes, esse tem a vantagem de trazer annexo os moldes, o que muito contribue para facilitar o estudo.

SEGREDOS DE TOILETTE DE BELLEZAS AFAMADAS

Tenho para mim que Eva comeu o fructo prohibido, por ter lido na secção feminina da "Folha de Figueira", jornal que circulava no Eden, as virtudes das maçãs para aformosear a pelle. Póde ser que os seus dotes de belleza natural, tanto quando a de muitas outras bellas de que temos noticias, dispensassem os atavios, mas parece não haver duvida que as mais famosas bellezas da historia tiraram das caixinhas e dos potes as suas faces purpurinas e a formosura da sua pelle.

Todas as Mulheres Amadas cuja belleza causou a loucura dos homens, e cujas mãosinhas de neve se divertiram com os cordeis desse immenso guignol — a Historia — possuiram os seus segredos de belleza.

Na verdade, muitas das mais famosas bellezas foram typos absolutamente vulgares, si dermos credito aos commentarios de biographos que não as cortejaram ou que talvez não lograram fazer-se amados dellas. No dizer de taes desses, por exemplo, as damas romanas muita vez tiveram occasião de perguntar admiradas que diabo havia o pobre Antonio descoberto na pessoa de Cleopatra, com aquelle nariz chato e aquella pequena estatura ! Horacio Walpole, na sua irreverente maledicencia, affirma que lady Mary Wortley Montagu, a mais bella de seu tempo della, era a "mulher mais porca da Europa". Madame Récamier tinha cabello ralos, braços finos e no labio superior um bigode francamente desenhado. O rosto da Du Barry era todo manchado. Marie Antoinette desavantajava-se por uma bocca torta, e Nell Gwin, que se tornou a figura mais querida de Londres e amante de Carlos II, merecia do seu real amante o appellido de "little pig-eged", isto é, "olhinhos de porco".

Embora, todas essas mulheres eram considerados typos de belleza. Quando ellas sahiam á rua, verdadeiras multidões se agglomeravam para vel-as, e em alguns casos eram ellas obrigadas a se fazerem acompanhar de um guarda para livral-as da turba de admiradores. Era nos seus "boudoirs" côr de rosa e perfumados que a historia compunha os seus capitulos, e reis e ministros deixavam de lado os graves negocios de estados para assistirem o despertar dellas e se embevecerem no milagre da "toilette", em que se applicavam dias em azafama no arranjo, aqui de uma fita, ali de um laço ou de uma renda, emquanto o cabellereiro erigia a torre de cabellos empoados e entremeiados de flores, rendas e "aigrettes". Quem poderia dizer quantas guerras sahiram das caixinhas de pós que ostentavam a riqueza das suas incrustações a ouro sobre a mesa de "toilette".

Oh! si os cabelleireiros, os criados e os perfumistas que conheceram os segredos de "boudoir" dessas famosas divas, si houvessem lembrado de registral-os para as gerações vindouras !... Si nós pudessemos espiar por cima das "espaduas de marfim" da incomparavel Helena e conhecer os cremes e os pós que aformoseavam aquelle "rosto que lançou um milhar de navios"! Quarenta annos era a sua idade quando ella fugiu com o seu enamorado Paris, e tinha cincoenta quando duas nações se guerrearam pela posse do seu divino corpo. E quando os Troyanos, desesperados pela der-

rota, atiraram-se sobre ella para matal-a, bastou que Helena voltasse para elles o seu rosto de resplendente belleza, para que todos deixassem cahir as suas lanças, cheios de espanto.

Cleopatra, a encantadora rainha das margens do Nilo, usava com extravagancia os balsamos orientaes e banhava-se em oleos perfumados de palma e de oliva em vez de agua. Longas horas dedicava-se ella aos cuidados da "toilette", reclinada deante de espelhos de aço pollido, emquanto as escravas friccionavam-lhe a pelle macia com pedra pome e lhe applicavam unguentos, perfumes e pinturas.

Lucrecia Borgia conservava a sua magnifica pelle, banhando o rosto em cozimento de hervas e succo de morangos, e, a despeito de se dizer que ella envenenava os seus amantes, quando começava a aborrecel-os, não lhe faltaram adoradores até idade bem madura.

O "record" de conservação de belleza, parece caber á radiante Ninon de L'Enclos, que foi amada por tres gerações de homens. Ao festejar o seu sexagesimo anniversario, ella ainda conquistou um amante joven. Seus cabellos eram ainda de ouro-fulvo, seus olhos negros e scintillantes e sua epiderme de surprehendente frescor. Era crença corrente que ella devia a sua mocidade eterna á pratica de sortilegios. Um dia — é o que conta a lenda — estava sósinha no seu "boudoir", quando viu no espelho o reflexo de um homem de chapéo e manto negro, de pé atraz della.

Quando a mocidade desapparece, foge tambem o amor, falou a apparição. A admiração dos homens derrete-se como a neve, ao primeiro signal da idade na mulher. E dizendo isto passou-lhe uma ambula de crystal com um liquido côr de rosa, e recommendando-lhe que deitasse uma gotta todas as manhãs no seu banho, desappareceu.

O que não ha duvida é que Ninon usava qualquer formula de adstringente no banho, cujos effeitos contra as rugas eram qualquer coisa de magico.

Aos sessenta annos ella notou o leve signal da primeira ruga entre os olhos, e correu cheia de terror para o seu velho amigo Richelieu. — Não é uma ruga, disse-lhe o grande estadista. Foi o proprio Amor que a poz ahi para se aninhar nella.

Foi Ninon quem guiou Madame de Maintenon na arte de conquistar o amor do homem, ou, antes, de um rei. E certamente todas as astucias da "coquetterie", todas as artimanhas de fascinação feminina foram fielmente repetidas pela discipula, pois que apezar da sua majestatica belleza que a sua estatura elevada mais realçava, a "encantadora viuva de Scarron" era tão modesta que punha uma mascara para sahir á rua e se affligia até ás lagrimas quando alguem a fitava. Entre as semi-nuas bellezas de Versailles, ella affectava severidade de trajos, mas Madame de Richelieu, que a viu despida, um dia em que ella desmaiara, não poude occultar a sua admiração deante de formas tão perfeitas e tão ciosamente occultas por sua dona.

— Eu acreditara até agora, confessou ellla, que Madame Maintenon procurava esconder os seus defeitos, e não velar as suas perfeições.

Graças á tutela de Ninon, Madame de Maintenon — que provocara da inveja feminina da côrte o appellido de "Maintenant" (a de Agora) — logrou fazer-se esposa de Luiz XIV, o que absolutamente não era coisa facil de realizar-se.

As bellas que a succederam na côrte de França, esmeravam-se na arte de auxiliar a natureza a natureza para attrahir a fantasia voluvel de Luiz XV. As faces pallidas e os labios descorados da Pompadour, teriam destruido a belleza dos seus cabellos castanhos e

das covinhas do rosto, sem o uso abundante das côres artificiaes. O ouro-cinza dos cabellos da Du Barry, suas sobrancelhas negras e bocca recurvada como o arco do amoroso Cupido sobreviveram á vida turbilhonante da côrte, mas a pelle de "petalas de rosa mergulhadas em leite" bem depressa feneceu. Refere-se que as damas da côrte dessa epoca consumiam dois milhões de potes de pinturas por anno! Não admira que na decada seguinte a populaça faminta substituisse o vermelho do "rouge" pelo vermelho do sangue...

Essa pequena modista tornou-se a mulher mais poderosa do seu tempo, graças á habilidade de saber tirar a maior vantagem de uma belleza que nada tinha de extraordinaria. Ella tinha um geito especial de semi-cerrar os olhos, que eram azues, na verdade, mas pequenos, e com olhares obliquos e longos transformava em seducção o que era um defeito.

A belleza da trefega Diana de Poitiers, outra rainha sem corôa da França, foi cuidadosamente conservada por um estricto regimen de banhos frios e de exercicios vigorosos com tanto exito, que aos cincoenta annos ella conquistou e deteve triumphante o amor implume do joven rei Henrique. Já avançada em Janeiros, ainda conservava a pelle alva e macia, intungida pelas injurias do tempo, como a lua crescente, que adoptara como symbolo.

A esse tempo crescia na côrte franceza uma joven, cujos olhos sonhadores e opulentos cabellos castanhos seriam mais tarde "um encanto desses que enfeitiçam os homens". Effectivamente, o amor constituiu o ambiente da vida de Maria Stuart. Dizem as chronicas do tempo que não foi sinão as lições e cremes magicos de um medico italiano, que era introduzido por escadas privadas nos aposentos das damas, que Maria Stuart devia a admiravel brancura de sua pelle e a graça de suas mãos longas e delicadas — pobres e lindas mãos que mais tarde teriam de torturar-se tão dolorosamente sobre seu branco e desolado peito.

Nos annaes das bellezas, nenhuma foi mais vã e mais ferida do que a de Maria Stuart, destinada a resplender ignorada entre as paredes sombrias e humidas de Holyrood, para reter o espirito rude de um Bothwell, para agradar a fatua vaidade de um Darnley e, para, afinal, estorcer-se sob o cutelo do carrasco.

Madame Récamier, cujo "seductor recato" e "voluptuosa castidade" fizeram della o idolo do seculo dezoito na França, aprendeu de sua mãe que o mais alto dever da mulher era cuidar dos seus encantos pessoaes. Madame Récamier sabia realçar a sua belleza pelos trajes. Refere-se que ella vestia as suas mousselinas ainda molhadas, apertando-as bem contra o corpo, de fórma que quando secco, o vestido conservava o molde de suas fórmas.

As paredes de sua alcova eram forradas de grandes espelhos, de maneira que ella se pudesse ver da cabeça aos pés a todo momento. Como a Du Barry, ella estudava o jogo dos seus olhos, afim de tirar delles todas as vantagens. Para supprir a omissão da natureza que lhe dera cabellos escassos, usava "huile antique", e sabia realçar os primores do seu bello e alvo collo com attitudes estudadas.

Como nenhuma outra, Madame Récamier tomava dos artificios o realce dos seus dotes de formosura. Cremes, pós, balsamos constituiam as offerendas que ella sacrificava á divindade da belleza no altar do seu "boudoir", onde a chamma de uma luz viva lhe revelava os minimos detalhes da sua belleza a corrigir ou a melhorar.

Nell Gwyn, igualmente, tinha um quarto forrado de espelhos, mas essa "coquette", gastava pouco tempo com a sua "toilette". Ella costumava arranjar os seus cachos negros, com auxilio apenas de um espelho de mão, junto á janella que abria para a Whitehall, porque emquanto isso conversava com o seu real amante, que passeiava acima e abaixo, do lado de fóra. Quanto ás suas receitas de "toilette", nada tinham de appetecedoras. Assim, por exemplo, para conservar a alvura dos seus dentes, ella os esfregava com polvora, por meio de um bastãozinho, ou, então, com um pó preparado de "coral sangue de drago, cravo da India, osso de siba, casca de ovos e sal marinho".

Os cachos esvoaçantes dos seus cabellos, que faziam os deleites das mãos de Carlos I da Inglaterra, eram lavados com uma infusão feita de cinzas de raizes de canhamo e de couve e tratados com um tonico preparado do succo de ortigas.

"A tinta para as faces" usada pelas mulheres do seculo dezoito, era uma composição de vinho branco, mel e sandalo vermelho. Para avivar o brilho das faces usavam de um preparado em que entravam a aguardente e resinas aromaticas.

Sarah, duqueza de Marlbourough, que aos dezeseis annos já era uma belleza definitiva, bebia leite de jumenta para conservar a sua cutis resplendente e lavava os seus cabellos louros, opulentos e radiantes em mel diluido. A grande particularidade da sua faceirice consistia em arranjar os seus cabellos em cachos, e fazel-os cahir para traz, de fórma a mostrar a alvura immaculada da sua fronte e o recórte delicioso das suas orelhas.

Lady Mary Wortley Montagu, tão calumniada por Walpole, foi bella bastante para inspirar a Pope odes aos seus

olhos e para fazer a um claro poeta exclamar:

"Beauty like this had vant'shed Persia shoun,
The Macedon had laid empire doun".

Todavia, suas feições careciam de harmonia de linhas e o seu pescoço era curto, ella, porém, suppria as deficiencias naturaes com o artificio dos cosmeticos, usando pente de chumbo para pentear os cabellos, e no rosto, amido, raizes de lyrio de Fiorença e carmin hollandez.

A grande figura de Londres, no meiado desse seculo, foi a encantadora Maria, lady Conventry, uma das duas lindas irmãs Gunning. O seu nome era repetido em todos os cafés da cidade, seguido sempre de uma anedocta sobre a sua ultima aventura. Porque essa graciosa e bella creatura, de porte elevado e fórmas delicadas, com os seus olhos rasgados e irresistiveis, era um espirito futil e tolo. Mylord Conventry não hesitava em levantar-se do seu logar, num jantar de cerimonia, e ir do outro lado da mesa limpar com o seu guardanapo o "rouge" que cobria o lindo rosto da esposa. Mas isso não a impedia de continuar o uso do alvaiade, do amido e do carmin francez, sacrificando á "maquillage" excessiva até o prazer de rir, para não desmanchar a armação do semblante. Ella, porém, pagou o preço da sua loucura, o uso do alvaiade acabou entoxicando-lhe o sangue, e ella passou os ultimos dias da sua vida mettida num quarto escuro, para que ninguem lhe pudesse ver o rosto destroçado. Quando o medico a visitava, ella punha o braço fóra da cortina do leito para que elle lhe tomasse o pulso. Morreu aos vinte e seis annos, apenas, victima da sua vaidade.

A proposito das bellezas do seculo XVIII, não será fóra de proposito abrirmos aqui um parentheses para assignalar o desavergonhamento da adulação que caracterisou os pintores retratistas dessa época. Referem as indiscreções da historia, que a duqueza de Deconshire, que nos sorri com tão opulenta graça nas telas de Guinsbourough, não passava, na realidade, de uma dama cheia de carnes e tosca de fórmas — absolutamente vulgar si não fosse a immensa doçura da sua expressão. Os seus cabellos eram ruivos e a bocca grande, mas este ultimo defeito tinha a sua compensação nos dentes esplendidos, ornamento de belleza nada commum, numa época em que os barbeiros eram dentistas.

Approximemo-nos mais da nossa época e falemos de alguns typos contemporaneos. A desditosa imperatriz da Austria, esposa de Francisco José, conseguiu, ao que se affirma, a surprehendente alvura da sua cutis, dormindo á noite com uma mascara de carne de vacca crua no rosto. Lenohelme, a actriz franceza, banhava-se em champagne, e Lina Cavaliere, attribuia a magnificencia da sua pelle aos banhos de leite, que, de resto, não eram de leite, mas sim de um balsamo oriental, que tornava a agua macia e leitosa.

A belleza e a mocidade de Sara Bernhardt não foram uma prodigalidade da mãe natureza, mas o resultado de annos e annos seguidos de uma cultura systematica, de exercicios, regimen alimentar, o uso de oleos e loções penetrantes, mas acima de tudo, confessa ella, dos seus banhos de embellezamento. A's vezes ella deitava tres punhados de primavera, planta secca, na agua quente do banho, outras vezes, romarinho secco, ou então uma decocção de cevada, farinha de aveia e farello. E' della esta receita para uma loção, a que ella deveu um rosto sem rugas quasi aos oitenta annos: Pedra hume 4 grammas, Leite de amendoas 40 grammas, Agua de rosas 170 grammas.

Atravez da impagavel comedia, que é a historia, encontramos sempre o "frou-frou" da seda, o "tac-tac" dos tacões "mignons", e a delicia de umas mãos brancas e o esplendor de olhos mysteriosos. E' o eterno feminino a marcar o rythmo do pendulo universal, para felicidade ou infelicidade nossa, não sabemos.

GRAPHOLOGIA

PROVINO (São Paulo) — Bondade natural indulgencia, doçura, coragem, ambição, esperança, alegria de viver. Um tanto reservado, não gostando de ser expansivo, preferindo retrahir-se. Força de vontade e energia quando se faz mister tomar uma resolução prompta da qual não se arrepende, mantendo seus actos e suas opiniões com firmeza. O traço com que sublinha sua assignatura é uma prova de que "sabe querer" e tem personalidade, pensando e agindo por si mesmo.

MARIA LICIA (Pitanguy) — Vejamos si desta vez lhe chegará as mãos o estudo que pede. Confirmo o que anteriormente disse e mais que ama a franqueza, as attitudes definidas, não tolerando subterfugios nem linhas sinuosas. Concisa, amiga da brevidade, é ainda muito prodiga, não olhando despezas para satisfazer seus desejos. Um pouco nervoas, agitada, alegre e despreoccupada. Espirito um tanto phantasista e sonhador; alguma teimosia e indecisão ás vezes.

NORA (Rio) — Minucia, finura, delicadeza, alguma fadiga ou myopia. Grande sentimentalidade, ternura, fraqueza e susceptibilidade. E' profundamente emotiva. Os traços sinistro-gyros de algumas letras como os ff denotam, entretanto, alguma dissimulação, amor proprio, talvez até egoismo...

NIKI (Rio) — Fadiga, depressão nervosa, desencorajamento, indecisão, timidez, medo, acanhamento. Alguma bondade natural porém dissimulada; negligencia, desordem, precipitação.

LOTI (Rio) — As linhas ascendentes da sua graphia denotam ambição, optimismo, esperança, alegria de viver, coragem. Amor ao confortavel, gosto pelas viagens. Confirmo quanto ao resto, isto é: bondade, cordialidade, doçura, sentimentalidade, o que já disse anteriormente.

MAY (Rio) — Ingenuidade, candura, credulidade, algum desgosto, fadiga, ou depressão nervosa, pelo menos no momento de escrever o cartãosinho que mandou. Bondade natural, alguma reserva, por acanhamento, talvez, hesitação timidez, medo.

JUCA MORENO (S. Paulo) — As tres linhas que mandou não fornecem material sufficiente para um estudo graphologico mesmo ligeiro. Entretanto pode-se dizer que é uma pessoa de certa cultura, activa, cheia de ardor e enthusiasmo. Espirito critico e mordaz, sceptico. Firmeza, concisão e energia.

ALICE MULATA (S. Paulo) -- Leia o que digo acima a Juca Moreno, quanto á insufficiencia do material enviado para o estudo. Vê-se, entretanto, na sinuosidade das poucas linhas escriptas, finura, impressionabilidade e pouco amor... á verdade. Alguma firmeza revelada nos cortes dos tt e energia quando se vê contrariada, procurando fazer prevalecer sua opinião.

MLLE. FADISTA (Tijuca) — Sensibilidade, emotividade, agitação, nervosismo. Um pouco de teimosia, de desconfiança e dissimulação. Isso, porém, não exclue a natural bondade, indulgencia e doçura. Pouco cultivo intellectual, credulidade, timidez, receio.

DALIA (Varginha) — Finura, minucia, economia até quasi a avareza, fadiga, myopia. Firmeza, actividade, precipitação. No momento de escrever talvez estivesse abatida, com depressão de espirito, melancolica. Espirito critico e satyrico.

JOSE' (?) — Precisão, firmeza, cultura ordem, equilibrio mental, moderação, prudencia e reserva. Força de vontade, deducção logica, assimilação rapida, sequencia nas idéas, actividade psychica. Seria longo ennumerar em que me baseio para tirar as conclusões que ahi ficam. Basta lhe dizer que não se faz um momento um estudo destes, como parece.

MERITA (Belém) — Espirito phantasista, altas aspirações, um pouco de vaidade, ou *coquetterie*, aliás muito natural...

Alegria, expansividade, optimismo, vendo tudo atravéz de um prisma côr de rosa. Um tanto caprichosa e fortemente impressionavel pelos sentidos. Delicada, elegante e fina.

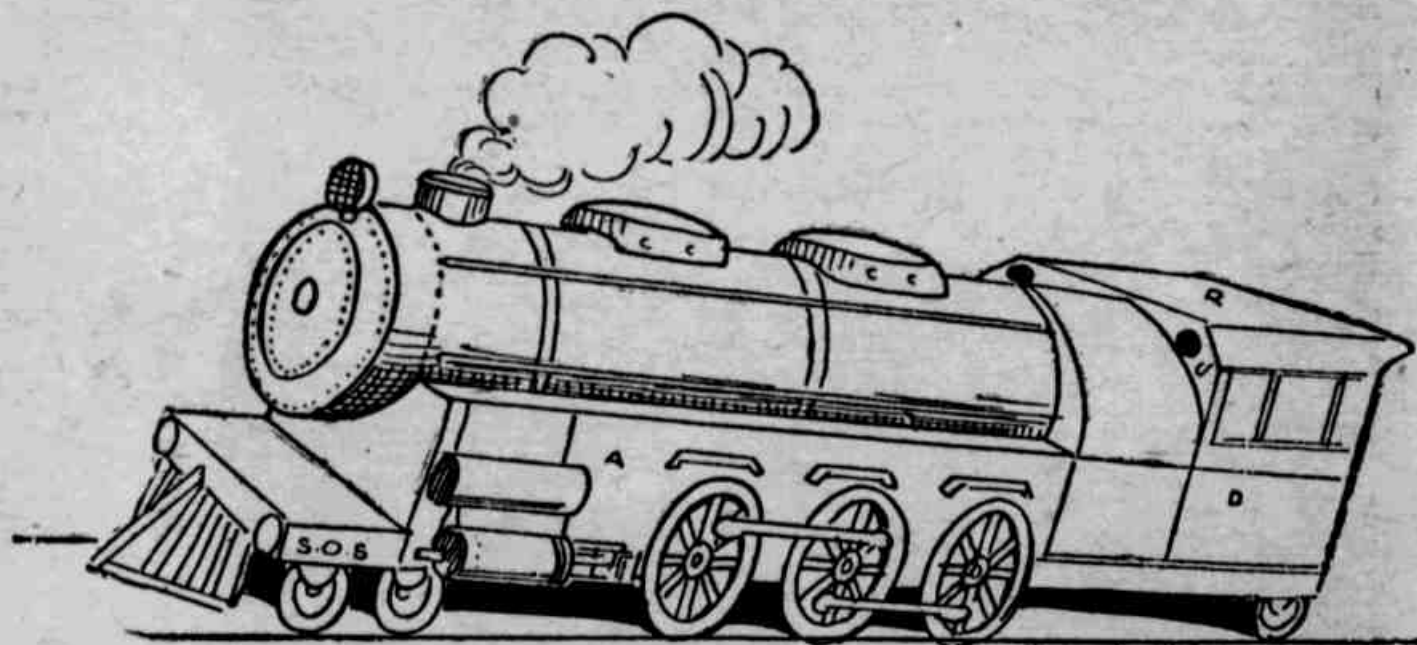
QUASIMODO (Pelotas) — Agitação nervosa, emotividade, sensibilidade, actividade constante. Perturbações cardio-vasculares, precipitação, economia, desconfiança.

GRAPHOLOGO

AS SENSACIONAES PAGINAS DE ARMAR D'*O TICO-TICO*

A LOCOMOTIVA

Seguindo sempre o programma, que adoptou, de jornal educativo, auxiliar dos paes e dos mestres, *O Tico-Tico* tem em todos os seus numeros a attracção maravilhosa das paginas de armar. Ellas despertam vivo interesse aos leitores, levando-os á preoccupação de armal-as, imprimindo ao trabalho o caracter de perfeição e cuidado. Para a creança, porém, não é qualquer motivo de construcção que serve. A pagina de armar, com ser de facil construcção, deve resumir um objecto, uma entidade capaz de encher o infante de alegria.

Dahi a preoccupação constante d'*O Tico-Tico* de offerecer aos milhares de leitores brinquedos de armar dos mais interessantes. Ainda agora está em elaboração e principio de impressão um brinquedo de armar que vae despertar, estamos certos, vivo interesse na petizada. E' uma locomotiva, movimentada e de grande formato. Logo após a conclusão do Presepe de Natal, em vias de terminar a publicação, figurarão nas paginas coloridas d'*O Tico-Tico* as sensacionaes partes da bella locomotiva, cujo modelo acompanha estas linhas.

Modelo da locomotiva depois de armada

CLINICA MEDICA DE "PARA TODOS..."

HYPERTENSÃO ARTERIAL E VISCOSIDADE SANGUINEA

Quando pensamos nas condições physiopathologicas, em que se manifesta a hypertensão arterial, vem-nos á lembrança a numerosa legião de seus factores conhecidos, entre os quaes podemos citar a idade, as infecções agudas ou chronicas as intoxicações ou auto-intoxicações resultantes de imperfeita hygiene alimentar, a inacção physica, o abuso do alcool e do fumo, etc.

Todavia é impossivel, na grande maioria dos casos, estabelecer a data em que appareceram os primeiros symptomas, bem como a identidade particular do agente nocivo que motivou o estado de hypertensão. E, então, é plausivel admittir que varias causas tenham agido simultanea ou successivamente.

Sem nos preoccuparmos com as modificações apresentadas pelo tecido vascular, nem cogitarmos de particularisar as pesquizas a respeito das causas predisponentes ou determinantes, ás quaes devemos attribuir a hypertensão, um elemento elucidativo, iremos encontrar, em todos os casos: a notavel modificação do meio sanguineo.

Seja essa modificação produzida pela anemia, pela uricemia, pela cholesterinemia ou por outro qualquer factor, o certo é que o sangue que se encontra nos vasos hypertensos, apresenta um elevado grão de viscosidade, — anomalia que restringe a velocidade propria da corrente circulatoria e gera, por si mesma, o estado de hypertensão.

Combater semelhante excesso de viscosidade effectuando a eliminação gradual e continua de todas as substancias capazes de produzil-o, na torrente sanguinea, será o mais ferrenho ataque á hypertensão.

Assim, ao lado do regimen de restricção alimentar e da hygiene indispensavel á diminuição dos detritos organicos no sangue, cuidaremos de reduzir a viscosidade sanguinea.

Além de qualquer outro agente medicamentoso que o individualismo do enfermo nos obrigue a prescrever, nunca nos olvidemos do citrato de sodio, vigoroso modificador da viscosidade sanguinea.

O citrato de sodio, precioso nos casos de hypertensão permanente e quando é muito lenta a marcha do morbus, ministrar-se-á isoladamente ou em intima associação com o sulfato de sodio, agente cholagogo, e com o citrato de lithina, que realiza a eliminação do acido urico.

O emprego do citrato de sodio, como reductor da viscosidade sanguinea, convem particularmente aos individuos plethoricos, aos hypertensos congestivos e aos arthriticos periodicamente flagellados por enxaquecas rebeldes a qualquer outra especie de tratamento.

CONSULTORIO

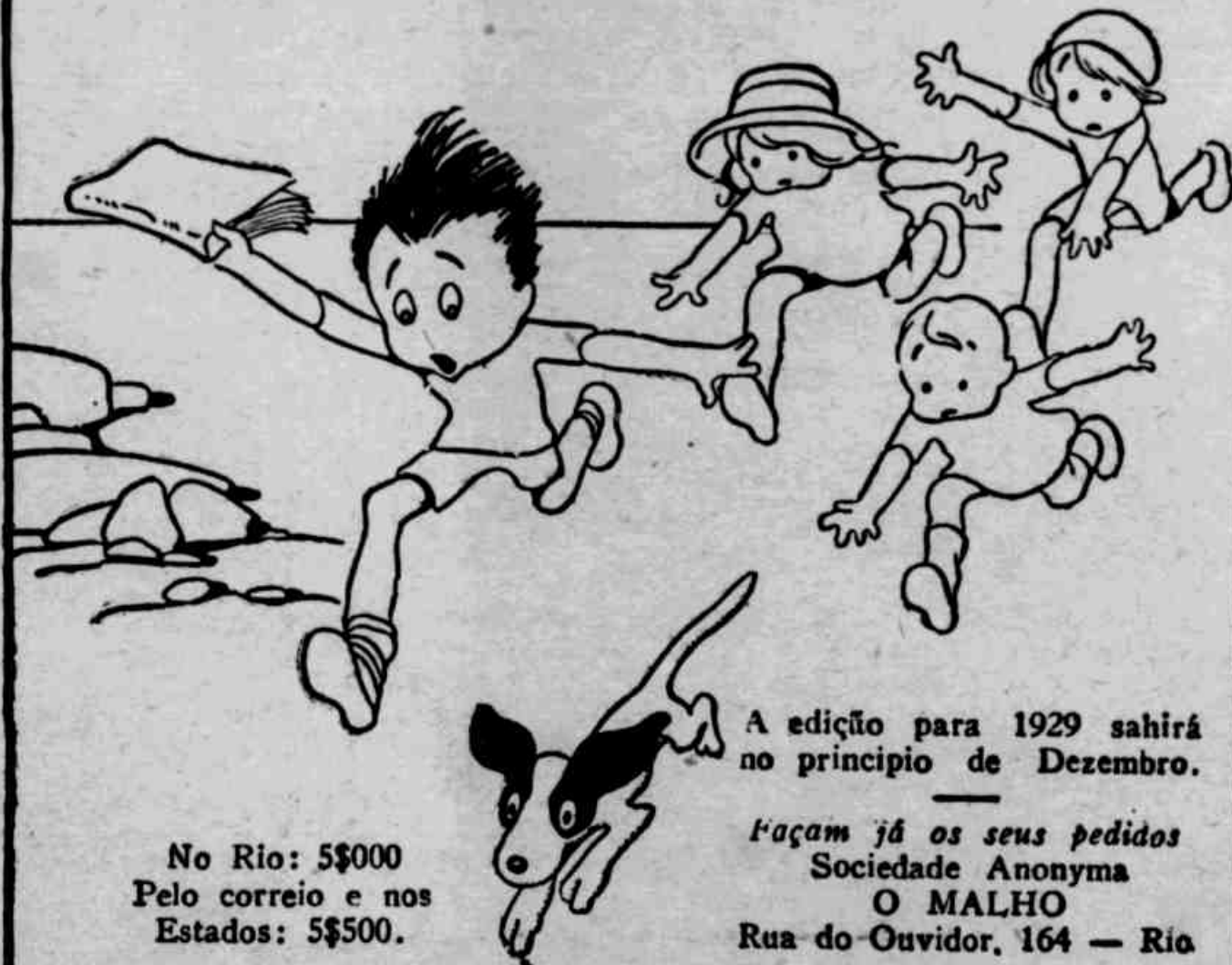
MLLE. JU'... (São Paulo) — Accumulo de correspondencia impediu-me de responder, até agora, de accôrdo com o seu desejo. Tenha a bondade de ir á posta-restante, procurar a carta, já enviada.

ARLINDO (Parahyba do Sul) — Internamente use: bi-iodureto de hydrargyrio 10 centigrammas, extracto fluido de caroba 5 grammas, iodureto de stroncio 6 grammas, extracto fluido de salsaparrilha 15 grammas, xarope de cascas de laranjas amargas 300 grammas, — uma colher (das de sopa), depois de cada refeição principal. Externamente empregue, em fricções, o "Balsamo de Bengue".

LOPES (Rio) — Use: piperazina 3 grammas, tintura de polygala 4 grammas, benzoato de lithina 4 grammas, extracto fluido de stygmas de milho 5 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, influxo de bagas de zimbro 350 grammas, — um pequeno calice de 3 em 3 horas.

M. L. S. (Campos) — Depois de cada refeição principal, use um pequeno calice deste reconstituinte: arrhenal 50 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 4 grammas, pyro-phosphato de ferro citro-ammonico 6 grammas, phosphato monocalcico-gelatinoso 8 grammas, extracto fluido de kola 10 grammas, vinho de quina 700 grammas.

IRACEMA (Passos) — Pela manhã e á noite, use um comprimido de "Medulline Lematte". Depois de cada refeição principal, use o "Triogene For", — uma colherinha num pouco dagua fria. Tres vezes por dia, tome: glycero-phosphato de sodio 10 grammas, extracto fluido de abacateiro 100 grammas, — uma colher (das de café) em meio copo dagua assucarada.

DR. DURVAL DE BRITO.

SERTÕES....

Pequeno casario triste, humido, sujo, quasi velho...
Palmeiras esguias de palmas seccas, esturricadas...
Uma praça escarnada, grande, meia morna...
Ao alto uma egrejinha branca, muito branca, com seu sinozinho esverdeado de som fino, penetrante...
A' noite um luar frio, de prata, lindo, pratêa toda a cidade...
Um cocórócó longe de um gallo que annuncia a madrugada faz meditar nos mysterios da vida...
Uma toada ouve-se muito melodiosa, chorosa, de um caboclo apaixonado desabafando o seu coração...
Natureza... Vida... Simplicidade... Felicidade...
— Sertões desses Brasis!...

DA CUNHA COUTO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, revista de grande formato e luxo, collaborada pelos melhores escriptores nacionaes.

Nadadoras

CLUB

DE

REGATAS

"TIETÉ"

DE

SÃO

PAULO

Festa interna

Officinas Graphicas d'O MALHO